

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



A CÉLEBRE JOSEPHINE BAKER, DANÇARINA CRIOLA E RAINHA DE PARIS FOTO MANUEL FRÈRES (Especial para a Voga)
A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

ESTE NUMERO TEM 16 PAGINAS

Ayuntamiento de Madrid

VIDA ELEGANTE

HOSPEDES ILUSTRES

Em honra do ilustre juriconsulto e homem de letras brasileiro, sr. dr. Lemos de Brito, a *Ilustração* ofereceu na quarta-feira passada nas oficinas da tipografia «Aillaud & Bertrand» um «Porto de honra», a que presidiu Madame Cardoso de Oliveira, esposa do ilustre Embaixador do Brasil em Portugal, o qual devido a encontrar-se doente se fez representar por sua esposa.

Depois da devida vénia o sr. João de Sousa Fonseca, director da *Ilustração*, fazendo um rápido esboço do que tem sido a vida daquela revista, brindou pelo Brasil e pelo homenageado. Seguiu-se no uso da palavra o nosso colega na imprensa sr. Alcantara Carreira, que fez a descrição do que tem sido a visita a Portugal do nosso ilustre hospede. Antes de agradecer o homenageado, falou ainda o sr. José Maria Alvares em nome da Associação Industrial Portuguesa, que terminou por brindar pelo Brasil, e a brilhante poetisa sr.ª D. Violeta Dealcantara leu versos da sua autoria, e finalmente o sr. dr. Lemos Brito agradeceu num brilhante improviso, afirmando que o Brasil é uma segunda Pátria dos portugueses, e bebendo por Portugal.

Na assistência notavam-se:

Madame Cardoso de Oliveira e filha, D. Fernanda de Melo Borges de Brito, D. Emilia de Sousa Costa e filha, D. Julia de Oliveira e Silva da Fonseca, D. Estela Santos Nobre, D. Violeta Dealcantara, dr. Pedro Francklin de Almeida Lima, dr. Brito Camacho, ten.-cor. Velho da Palma, dr. João de Barros, dr. Sousa Costa, Sampaio Guimarães, José Maria Alvares, dr. Miguel Trancoso, Jorge Colaço, Raul Lino, Manuel de Sousa Pinto, Albino Forjaz de Sampaio, Serrão Correia, João da Cunha Eça, João de Sousa Fonseca, dr. Alvaro Maia, Alcantara Carreira e filho, Baptista Aguas, Roberto Nobre, Ernesto Belo Redondo, Ferreira da Cunha e Carlos de Vasconcelos e Sá.

FESTAS DE CARIDADE

Entre as festas de caridade realizadas durante o Carnaval, é digna de nota especial a levada a efeito por uma gentilissima comissão de crianças da qual faziam parte as seguintes: Eugénia Teles da Silva Pacheco, Flavita de Lafayete de Carvalho e Silva, Isabel Maria de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), Josefina Roquete Ricciardi, Maria do Carmo Burnay Belo, Maria Eugénia Valente Moreira Teles da Silva (Tarouca), Maria Isabel do Casal Ribeiro Ulrich, Maria José Ramos de Castelo Branco, Maria Peregrina de Lencastre Freitas, Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães e Rosa Maria Lafayete de Carvalho e Silva, nas salas do Avenida Palace na tarde de segunda-feira gorda, a qual constou de «matinée» infantil e «chá dançante», revertendo o produto para várias obras de beneficência, não só pelo extraordinário brilhantismo que revestiu como também pela nota alegre que o grande número de gentilissimas crianças elegantemente mascaradas dava com a sua vida despreocupada.

Dançou-se animadamente durante toda a tarde ao som de duas exímias orquestras «jazz-band» que tocaram alternadamente.

A primeira festa de caridade para miúdos, organizada por miúdas, foi decerto o «clon» do Carnaval de 1928.

Felicitamos a gentilissima comissão organizadora pelo exito mundano e financeiro, como também agradecemos os dois convites que teve a amabilidade de nos enviar, que muito nos sensibilizou, visto que actualmente não estamos habituados a que tenham para conosco tais deferencias.

— *Zarzuelas por amadores.* — Por todo o próximo mês de Março deve realizar-se em um dos nossos melhores teatros, uma sensacional récita de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, na qual se fará «réprises» da engraçada zarzuela-chica «La Verbena de la Paloma», que há perto de dez anos foi representada no Politeama por um brilhante grupo de amadores, alcançando nessa ocasião um exito colossal.

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{ME} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impositação da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notavel professor Cesare Rossi

Lição em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.º D.
(Parque Eduardo VII)
e na redacção da «VOGA»

Festa de intelligencia e de amor, justo é que se realize entre machinas e typos. Sem estes, a intelligencia do homem não se teria derramado pelo mundo, e a civilização teria sido como um fio d'agua, não o que ella é agora, torrente impetuosa. A machina é como o coração da imprensa: ella dá um impulso novo ás produções do espirito, e faz com que se derramem pelo mundo com a instantaneidade e o impeto das descargas electricas.

Abençoada seja a machina a serviço da intelligencia humana.

Lisboa, 22-2-928.

LEMONS BRITTO.

Palavras do ilustre homem de letras e juriconsulto brasileiro Dr. Lemos Britto na sua visita às oficinas da *Ilustração*, Magazine Bertrand e Voga

O desempenho agora, será feito pelo mesmo grupo de amadores da velha guarda, com pequenas modificações.

Completará o espectáculo outra zarzuela-chica «El Trebol», que será também desempenhada pelo mesmo grupo de amadores, entre os quais figuram verdadeiras aptidões para o teatro.

Esta récita, decerto, vai constituir o «clon» da época de inverno.

CARNAVAL NOS SALÕES

Na noite de sabado gordo realizou-se na elegante residência da sr.ª D. Alice Froes Calheiros Burquette, e do sr. António Serrão Burquette, à Avenida da Liberdade, uma encantadora «soirée» que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria.

Durante a noite brincou-se o Carnaval com

LER SEMPRE A
VOGA
LER SEMPRE

a rainha das publicações
femininas portuguesas
e organizadora do
grande e esplendoroso
SALÃO DA
ELEGANCIA
FEMININA

que será também um
inédito certame de
ARTES DECORATIVAS
e, ainda, um raro e
elegante espectáculo de
BELESA, DISTINÇÃO
E BOM GOSTO.

serpentinhas, «confetti», e lança perfumes, chegando por vezes a lutar a atingir o delirio.

A «soirée» foi abrilhantada por uma exímia orquestra «jazz-band» que tocou quasi sem interrupção até às sete horas da madrugada, um variado repertorio de danças modernas, bem



A sr.ª D. Ana Morales Ferrero e o sr. Anibal Falcão Marques dos Santos, junto do altar mór da igreja de S. Sebastião da Pedreira, por ocasião do seu casamento realizado no dia 9 do corrente

como algumas danças populares portuguesas, como o vira e o estaladinho, que foi marcado com fino espirito pelo dono da casa, que mais uma vez teve ocasião de pôr em destaque as suas belas qualidades de marcador do «estalado» baile de roda tão popular.

Pelas duas horas da madrugada foi aberto o salão de mesa, que se conservou aberto até final, onde foi servida uma finissima ceia, e pelas cinco da madrugada um serviço volante de chocolate.

Povoando as magnificas salas da elegante residência viam-se grande número de familias da nossa primeira sociedade.

Os ilustres donos da casa e sua mãe e sogra, sr.ª D. Emilia Froes, foram incansáveis de amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratissimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

— Festejando o aniversário natalicio de seu gentil filho António Júlio, ofereceram na noite de segunda-feira, na sua residência, à rua Correia Teles, uma «soirée» intima a sr.ª D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos e o distinto clinico sr. Carmo dos Santos, a qual revestiu extraordinário brilhantismo, dançando-se com verdadeiro entusiasmo até de madrugada.

Pela uma hora da manhã foi servida na sala de jantar uma finissima ceia, e pelas quatro o chocolate.

Na assistência viam-se grande número de familias da nossa sociedade elegante.

O sr. dr. Carmo dos Santos e sua esposa, a sr.ª D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, foram duma extrema gentileza para com os convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades de caracter.

CASAMENTOS

Com muita intimidade realizou-se, na capela de Nossa Senhora do Rosário, do Solar de Aldeia de Vilar, em Tondela, residência da sr.ª D. Maria de Mascarenhas Calheiros Madeira Bandeira de Noronha e do sr. João Carlos Lobo de Abreu Madeira, o casamento da sua gentil filha D. Maria Casimira, com o distinto tenente de artilharia e professor da Escola Prática de Cavalaria, sr. Luís Jorge Falcão Pacheco Mena e Silva, filho da sr.ª D. Maria do Céu Falcão Pacheco Mena e Silva e do falecido tenente-coronel sr. Leopoldo Jorge da Silva.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. Fernando de Sousa Falcão Pacheco Mena.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido no salão de mesa do solar um finissimo lunche, seguindo os noivos depois para a quinta do irmão da noiva, sr. João Madeira da Gama Calheiros, em S. Miguel do Outeiro, donde partirão para Tórres Novas, onde vão fixar residência.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Realizou-se na paroquial igreja de S. Pedro, em Alcantara, com muita intimidade, o casamento da sr.ª D. Irene Suannes Pinto Pereira, interessante filha da sr.ª D. Adelaide Berta Suannes Pereira e do sr. Eduardo Pinto Pereira, com o sr. Pedro da Silva Costa, filho da sr.ª D. Maria da Silva Costa e do sr. José da Costa, já falecidos.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Elisa Berta Suannes Pinto Pereira Diniz, irmã da noiva, e D. Aurora da Costa e Silva, tia do noivo, e de padrinhos os srs. Mário de Sousa Diniz, cunhado da noiva, Silvestre da Silva e Carlos da Silva Costa, respectivamente tio e irmão do noivo.

Findo o acto religioso foi servido na residência dos pais da noiva um fino lunche.

Na «corbeille» via-se grande número de artisticas prendas.

— Sendo celebrante o reverendo prior realizou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.ª D. Ana Morales Ferrero, gentil filha da sr.ª D. Luciana Morales Ferrero e do sr. Faustino Ferrero, com o sr. Anibal Falcão Marques dos Santos.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Carmen Dias Ribeiro e D. Elvira Ferrero, e de padri-

nhos os srs. Raul Ribeiro e António Pereira dos Santos. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido na residência da familia da noiva um finissimo lunche da «Garrett».

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

NASCIMENTOS

Teve em Abrantes o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Virginia Moura Neves Fernandes, esposa do sr. dr. Manuel Fernandes.

Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Fernanda Pacheco Falcão Mena e Silva Moura Neves, esposa do sr. António Moura Neves, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

ESPARTILHOS E CINTAS



“POMPADOUR”

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

“A POMPADOUR”
CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS
28 — Chiado — 30

UM dos problemas que mais apaixonam a maior parte das mulheres, problema esse de difícil solução para um resultado sempre belo e harmonioso, é o de se executar os vestidos com economia de fazenda e pouco dispêndio.

Para solucionar a primeira dificuldade é preciso escolher muito bem os feitios e sabê-los adaptar. Para a segunda temos um poderoso auxiliar, que são os moldes que já algumas revistas parisienses trazem com aquela característica elegantíssima que é o corte de Paris. Com a ajuda deles podemos confeccionar em casa as nossas *toilettes*, certas de que, com um pouco de boa vontade e habilidade, conseguiremos lindos modelos.

Para se economizar fazenda é preciso, portanto, que os modelos sejam muito bem escolhidos e acertar-se os moldes de maneira a poupar fazenda o mais possível e, condição especial, os vestidos serem executados por nós.

Temos aqui vários modelos que se podem

AS MODAS EM VOGA

COISAS LINDAS
E POUCO DIS-
PENSÍVEIS :

MODELOS DE
VESTIDOS PARA
CRIANÇAS :



confeccionar, cada um, apenas com metro e meio de fazenda lavrada.

Primeiramente um lindo vestido de criança com três folhos sobrepostos e mangas compridas. Basta metro e meio de tecido para se executar este gracioso modelo.

Com a mesma porção de fazenda se executa o casaco de criança numa linha tão elegante e de feitio tão encantador que lindamente fica às gentis pequenitas. Este casaco é enfeitado com pele de arminho.

Para se executar a *disenue* ou o casaco do pijama também basta a mesma porção de fazenda, como igualmente para o *gilet*, gola e punhos.

Todos estes modelos se fazem com tão pouca fazenda que merecem bem que se escolha um entre eles.

São estes variadíssimos e lindos, sendo a es-



colha, portanto, difícil mas sinceramente agradável.

Como o conforto e beleza do lar hoje se tornaram uma necessidade tão evidente como a nossa beleza, lembramos também a maneira de, somente com metro e meio de fazenda lavrada, conseguir trazer para o lar mais um encanto.

São estes um pequeno tamborete em madeira clara e forrado com fazenda lavrada, alegre e multicolor que dará ao lar grande encanto, alacridade e bom gosto.

Um lindo tapete para mesa, de longas franjas em seda, no mesmo tom de fazenda, é também um apreciável ornamento, que muitas das nossas leitoras aproveitarão com aquele critério ponderado e sensato, de que a beleza do lar vive somente do nosso bom gosto, arte e paciência.

O nosso modelo *«Voga»* é um gracioso vestido de criança em crepe da China, enfeitado com barras formadas por três estreitas fitas plissadas, numa escala de tons da mesma cor.

Na saia são dispostas duas barras horizontais



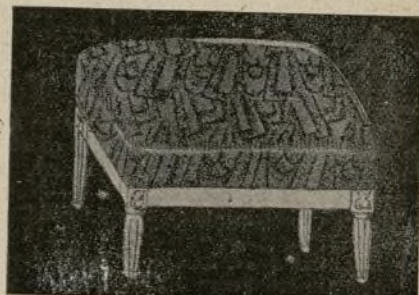
dando a volta atrás e deixando um pano liso à frente.

Nesse pano liso desce também a mesma barra plissada passando na cintura por uma presilha que é cortada no mesmo vestido.

Pode-se executar este modelo em várias cores e as barras também, mas procurando para esta última sempre três tons da cor que se escolher.

No vestido *«beige»* ficam muito bem as fitas em três tons de azul ou três tons de verde. O vestido rosa pálido fica também muito gracioso em três tons de cor de rosa até *«cerise»*, e num vestido branco deve pôr-se uma larga fita de fantasia das que costumam ter três e quatro cores, igualmente plissada, ficando assim uma encantadora *«toilette»*, simples e linda, que maravilhosamente assenta nos corpinhos gentis e irrequitos.

Para as suas facesinhas rosadas, para as suas lindas cabeleiras aneladas e revoltas, são escolhi-



dos estes vestidos de cores várias, vivas e lindas, que tão gracios tornam as buliçosas e meigas crianças.

MADemoiselle X.

✂ ✂

SORRINDO...

Timóteo dá um presente à noiva. Quando esta abre a caixinha sofre uma visível decepção, porque encontra apenas um vulgar sabonete barato.

Timóteo explica-lhe então :

— Eu te digo, meu amor; quando estava na loja, hesitei durante muito tempo entre este sabonete e uma escova de prata...

— E porque escolheste o sabonete?

— Porque a caixa de prata não tirava os olhos das minhas mãos!...

✂ ✂

— Não te parece que o preto fica bem a minha mulher?

— Não tenhas dúvidas... Dava uma viuvinha encantadora!



DESENHO E PINTURA

ARTE APLICADA E LAVORES

Recebem-se encomendas e dão-se lições

R. Maria Pia, 528, 1.º (a Campo d'Ourique)

✂ ✂

O MONOPOLIO DO ESQUECIMENTO

A CUSA-SE os portugueses de serem imetódicos e susceptíveis das piores distrações. Pois, na Alemanha, pátria do método, terra natal do cuidado metódico pelos séres e pelas coisas, existem uns envelopes vendidos pelos Correios, onde se lê esta bizarra recomendação :

«Não se esqueça de mencionar o nome da rua e o número do prédio».

Só falta acrescentar : «Não se esqueça, depois de escrever a carta, de a meter no correio».

Que dizem a isto os que afirmam conservarmos, há séculos, o monopólio da leviandade e do esquecimento?

✂ ✂

M A L A S E BASTOS SILVA, L. DA
CARTEIRAS
ALTA NOVIDADE

Rua de S. Nicolau, 81

Para costura

A CADEIRA E MESA ROTIN PARA COSTURA AJUDAM TANTO COMO UMA COSTUREIRA.

GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS

Rua de S. Bento, 120

Telefone T. 801

O SR. MENEZES, QUARTA-FEIRA DE CINZAS CURIOSIDADES

CHINEZ PROVISÓRIO DA GRAÇA CRÓNICA DA SEMANA FUTILIDADES E NINHARIAS

A CEBOLA E AS LAGRIMAS

O sr. Fortunato Menezes, burocrata, desde a adolescência, numa das mais vagas repartições do Estado — a dos Proprios Nacionais — era um chefe de família cheio de generosidade: perdoava as impertinências de sua mulher e desculpava as irreverências da filha, o mais vivo diabrete de saias que havia ali para as bandas da Graça.

Naquela casa existia todo o ano uma alegria, por vezes muito ruidosa, mas sã e inalterável. O orçamento do viver doméstico era modesto, e como as aspirações do luxo eram modestíssimas, nunca havia dificuldades financeiras capazes de estabelecer, naquêla lar, um momento de angústia.

Quando se aproximava o Carnaval tudo se transmutava subitamente. A alegria cessava e as questões tornavam-se incessantes, azedadas ainda por um mal estar de fácil contágio. O sr. Fortunato Menezes, pessoa inteiramente despreocupada, capaz de todas as distrações, assumia, então, atitudes de filósofo, pleno de asperza. Achava, nessa quadra do ano, que a filha era demasiado expansiva, e que carecia dum certo comedimento na sua conduta. Acusava-a de sorrir para todos os rapazes do bairro e de reduzir, a uma coleção de grotescas caricaturas, as pessoas que na vizinhança eram dignas da mais profunda admiração e do mais incondicional respeito.

Nessa altura, êle que cerrava sempre a isso os olhos, com a mais completa benevolência, descobria que a filha tinha um namoro — e negava ao rapaz que, com a maior convicção, apresentara a candidatura a seu genro, todas as qualidades e atributos necessários para a elevação do edifício da felicidade conjugal, que sua filha aspirava habitar como perpétua inquilina.

E a filha escutava-o entristecida, sentindo nascer, em seu íntimo, uma revolta contra os injustos comentários de seu pai. Mas, como se habituara a respeitá-lo, e sabia o profundo amor que êle lhe tinha, resignava-se a exteriorizar em lágrimas tão abundantes como fáceis, a sua indignação.

Quanto ao Carnaval, o sr. Ludovico não admitia que outra voz sobrelevasse a sua, para contradizer a sua bem alicerçada discordância.

A mulher fazia cêro, considerando também o Entrudo uma coisa execrável. A filha, atacada de nervosa audácia, defendia-o, e não receava de quando em vez, espaçadamente, uma outra palavra de apologia, pronunciada em voz baixa. Apologia essa que fazia o pai vociferar, indignado:

— Não consinto que te mascares ou que tomes parte nalgum baile, enquanto durarem êstes malditos dias. O Carnaval é uma chinesice e, eu, com chinesices não transijo.

Domingo de Entrudo, findo o jantar, o sr. Fortunato de Menezes, com ar carrancudo, anunciou à família que tinha de ir, embora muito contrariado, a uma festa íntima. O convite partira do seu chefe de repartição e, como sabiam, um pedido dêle tinha de ser aceite como uma ordem inflexível.

Contudo, a festa nada tinha de carnavalesca, pois nela só tomavam parte pessoas que abominavam êstes estúpidos folguedos. Ficaria lá até de manhã.

Mãe e filha entreolharam-se com sorrisos sem arriscar o menor comentário perante uma tão evidente incoerência. Porém, minutos depois do sr. Fortunato Menezes ter abandonado a casa, a filha já estava dissimulada numa velha alcoviteira que a tornava irreconhecível.

E à meia noite em ponto dançava e baticava, com grande despreocupação, numa casa particular onde fôra apresentada por algumas amigas.

Naquêla baile ninguém entrava sem ir mascarado de maneira a ser quasi impossível averiguar da sua identidade — a qual só era conhecida da dona da casa.

É claro que o desejo expresso da dona da casa nunca era rigorosamente respeitado: havia inconfidências e sucedia até que alguns dos convidados, à força de se disfarçarem, tornavam a sua personalidade visível a uma grande distância.

O sr. Fortunato de Menezes, que era um dos convidados, encontrava-se lá com a doce ilusão de que ninguém o reconheceria. Porém, todos os convidados cochichavam, apontando-o:

— Aquêla chinês é o Fortunato.

Sua filha, que fôra das primeiras a alcançar o pai, aproximara-se dêle e perguntára-lhe, entre gargalhadas, aflautando a voz:

— O senhor môra na Graça ou em Shangai?

E como o sr. Fortunato replicasse com certo azedume, a filha insinuou-lhe, trocista:

— Porque não vai agora o senhor para casa vestido de chinês fazer discursos contra o Carnaval?

No dia seguinte, ao almoço, o sr. Menezes referiu-se à festa havida em casa do seu chefe de repartição. Todos se portaram bem excepto uma rapariga disfarçada de velha alcoviteira

EXTINGUIU-SE finalmente, Deus seja louvado! aquele truanesco e lastimoso período dedicado todos os anos pelo Papa dos Loucos aos seus milhares de fieis!... A meia noite de ontem, por entre brumas espessas e montanhas de lixo, morriam inglôriamente os derradeiros sons dos guisos da Folia... Estamos em Quarta-feira de Cinzas: ao entremez dos ridículos e imposturas humanas vai agora seguir-se a formidável, a dolorosa, a redentora tragédia do Calvário... Desapareceu Arlequim, engulido, entre palavrões e rancos avinhados, pelo boqueirão duma sargefa; as rosas vermelhas da paixão de Jesus vão espargir de sangue inocente e purificador os pecados da ingrata Humanidade... Vem aí o Filho de Deus iniciar o seu maravilhoso sacrifício, receber a pavorosa corôa de espinhos que todos nós lhe oferecemos, suportar nos ombros divinos e conduzir até ao cimo do Golgota o madeiro ignominioso das nossas misérias e ingratidões... Vem aí Jesus, vem aí Jesus!... Seguem-no os discípulos, lamentam-no as santas mulheres de Jerusalem, chora compungidamente Maria de Magdala, olha-o, varada por uma dôr inarrável, a Virgem sua Mãe... O sacrifício espantoso do Filho de Deus vai começar... E pela terra inteira, pelo orbe cristianizado, pelos confins do mundo aonde chegou a palavra divina, passa agora um frémito de imensa ternura: à época ruidosa e exterior que ontem morreu, segue-se um período de recolhimento em que as almas se prescutam, em que os olhos deixam de se fixar sobre a terra para se erguerem mais alto, para o céu!... A dulcíssima, a comovida, a serena paz que nos inunda os corações nesta quadra do ano em que os roseirais começam a abotoar e as almas a ressurgir dos lamaçais da vida!... Em nós e na desperta Natureza, inicia-

se hoje a Primavera, oh criaturas de Deus e minhas irmãs em Jesus!

E eu sinto, profundamente sinto que êste período de maravilha é, para mim, o melhor, o mais belo, o mais consolador do ano inteiro... Do sacrifício do Grande Mártir cai sobre as nossas almas uma chuva imensa de lírios: das mãos chagadas e sangrentas de Jesus tombam por sobre o mundo perdões e misericórdias, enquanto as almas fitam lacrimosas o seu perfil benigno, amável e santíssimo... Deixamos de ser apenas carne, — carne miseranda e pecadora! — para sermos espíritos finalmente conscientes da missão que nos foi imposta... As nossas lutas, os nossos sofrimentos, as penas que nos cruciam o pobre coração, a dolorosa contingência dos nossos propósitos e dos nossos sonhos, as desilusões amaríssimas da nossa existência, tudo isso adquire um sentido que até então infelizmente não havíamos sequer vislumbrado... Viver é amar e sofrer; contemplar as rosas e os lírios da obra divina e chorar as cinzas em que redundam sempre os nossos orgulhos e vãs soberbas... A vida, não é um dom inútil!... Poderá ser — e é sem duvida alguma, ai de nós! — um caminho muita vez doloroso e áspero mas aonde aprouve à infinita bondade do Criador erguer jardins floridos para descanso das nossas almas peregrinas... Nêle ouvimos, é certo, o choro alto e magnádo de tanto sofrimento humano!... Mas, também nêsse caminho retine, purificador e inocente, o riso das crianças; há, por entre moitas e sarças de espinhos, os campos de nevados lírios, os canteiros de rosas vermelhas, e os cantos de Amor e de Esperança...

Quarta-feira de Cinzas... início da nossa ressurreição!... Que Deus seja bendito!...

ROSA TIRANA.

A CAIXEIRINHA MULATA



Josefina Baker, a celeberrima creoula que Paris adoptou e enriqueceu tornando-a ídolo de multidões e esposa dum titular da velha rocha francesa, foi há semanas fazer de caixeira para uns grandes armazéns de modas daquela cidade, e a favor de não nos recorda agora qual instituição de caridade. Caiu lá o poder

do mundo e a discutida bailarina mulata não teve mãos a medir: a onda dos seus admiradores e a maré cheia dos basbaques e curiosos rodeou-a, amimou-a, encheu-lhe de dinheiro os bolsos. Calcula-se em muitas centenas de mil francos o produto das suas vendas de caridade.

que se metera com êle, proferindo gracejos insipidos. Se aquela garota insolente e malcriada estivesse numa casa onde êle fizesse menor cerimônia, ter-lhe-ia perguntado se não tinha um pai que a metesse na ordem.

A filha acolheu aquêlo comentário, com impetuosas risadas e ripostou, com transparente ironia:

— Se calhar o pai dela andava pelos bailes vestido de chinês...

O senhor Menezes sentindo-se descoberto, encordou e levantou-se da mesa muito irritado.

E manteve sua expressão carrancuda até quarta-feira de cinzas.

HELENA DE GUSMÃO.

VOGA, SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER, é a

única revista portuguesa do género que recebe directamente de Paris e das grandes capitais da Europa larga reportagem fotográfica de modelos para vestuário feminino, para o que tem contractos especiais com os maiores costureiros e fotografos, tanto da Cidade Luz como das outras capitais europeias.

Leiam e assinem a Voga.

QUAL a razão porque, ao ser cortada uma cebola, os nossos olhos se enchem de lágrimas, sem que todavia tenhamos sentido qualquer impressão desagradável ou dolorosa?

Com efeito, quando cortamos uma batata, uma cenoura, um nabo ou um rabanete, a comoção resultante não é nunca suficientemente forte para nos fazer chorar de pena pelos desditosos tubérculos prestes a ser cosidos e mastigados aparatosamente por algum conviva esfomeado.

Qual é, então, a explicação do estranho fenómeno?

É que a cebola é constituída por camadas concéntricas, entre as quais existe um líquido dotado de propriedades especiais e de uma natureza muito particular.

Assim, ao analisar a constituição dêsse líquido, verificamos que, em contacto com o ar, é muitíssimo volátil, transformando-se assim num vapor finíssimo e invisível.

Ao mesmo tempo, em resultado de uma acção química especial, êsse líquido liberta um composto de carácter sulfuroso que, em contacto com os olhos das pessoas ou animais que se encontram próximos, provoca insensivelmente uma maior secreção das glândulas lacrimais.

A cebola é, pois, um verdadeiro acumulador de um gás lacrimogénico bem semelhante aos gases que foram usados quando da Grande Guerra.

O aparecimento das lágrimas é, assim, resultado de um fenómeno inconsciente muito curioso.

A Natureza preparou os globos oculares de maneira a que possam estar sempre perfeitamente lubrificados e a mover-se com a maior facilidade em todos os sentidos. Quando, por qualquer circunstância, a superfície exposta ao ar, é alvo de qualquer gás irritante, as glândulas lacrimais vasam imediatamente uma maior quantidade de líquido para que essa irritação seja mais facilmente suportada.

Acontece assim quando se corta uma cebola. O gás sulfuroso resultante da volatilização do «sumo» da cebola cortada, vai causar uma determinada irritação nos olhos das pessoas que se encontram mais próximas e por êsse motivo a lubrificação é imediatamente aumentada por intermédio das glândulas lacrimais.

Quando o líquido segregado é em quantidade superior à que pode possivelmente ser contida dentro das pálpebras, transborda muito naturalmente, dando assim origem ao aparecimento das «lágrimas» que, neste caso, são também às vezes chamadas de... crocodilo.

UM BARBARO COSTUME

As mulheres da Índia são obrigadas a levar, até aos mais absurdos extremos, o amor conjugal.

Uma tradição secular determina que a mulher seja queimada viva junto do cadáver de seu marido. Este bárbaro costume está deixando de se generalizar, sendo até punido com severidade pelas leis inglesas.

Ultimamente, uma viúva foi obrigada a atravessar, nas margens do Ganges, uma fogueira, levando nos braços o cadáver do seu marido. Quasi asfixiada pelo fumo, alucinada pelas dores resultantes das queimaduras que recebeu, faleceu-lhe a coragem para o sacrifício e arrojou-se ao rio. Foi depois salva pela policia que teve, para dispersar a multidão de fanáticos que assistia deliciada a êste ignominioso espectáculo, de empregar a força.

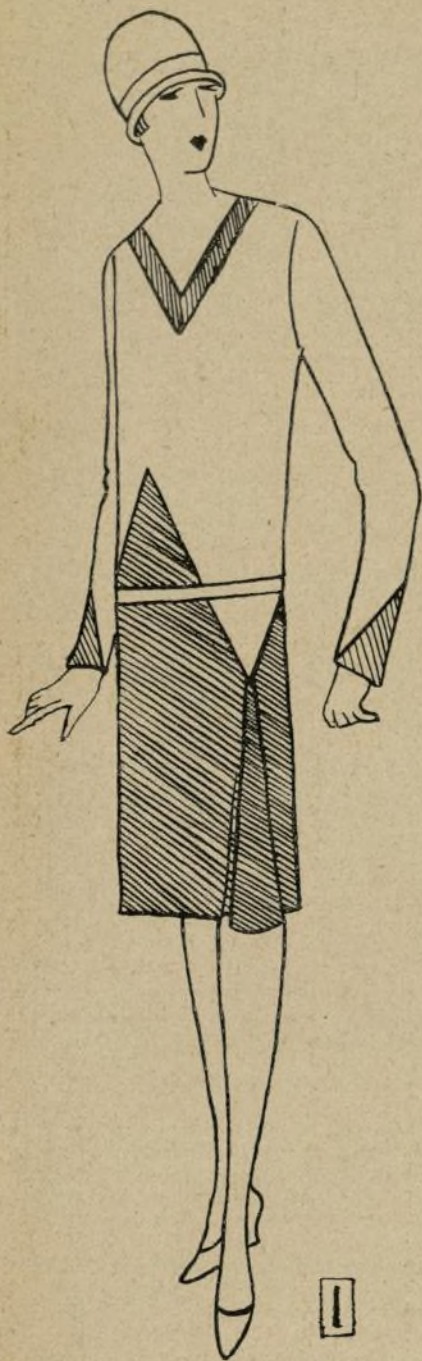
Êste fanatismo merece maior condenação do que outros existentes sobre a superfície da terra. Merece maior condenação porque os seus partidários teem a inaudita crueldade de condenar as mulheres à morte, esquecendo-se de que não devem impôr aos outros, em nome das suas crenças, um sacrificio, desde que dêle se excluam.

A MULHER QUE-CASOU 3.200 VEZES

UMA célebre actriz londrina teve, no dia em que fazia vinte e cinco anos de vida de teatro, a agradável surpresa de verificar que o público sublinhava carinhosamente essa data, dispensando-lhe uma calorosa ovação.

Muito comovida com esta delicada atenção, a actriz agradeceu com estas palavras, reveladoras dum espírito finamente humorista:

— Há vinte e cinco anos que represento. Até hoje fiz 1.500 juramentos de amor, traídos 775 vezes. Casei-me 3.200 vezes e os meus dotes atingiram 30 milhões (aqui, para nós, não sei como êsse dinheiro me desapareceu...) Cai 370 vezes nas mãos dos bandidos e fui 143 envenenada. São êstes os factos mais salientes dos meus 25 anos de teatro!



1



2



3



4



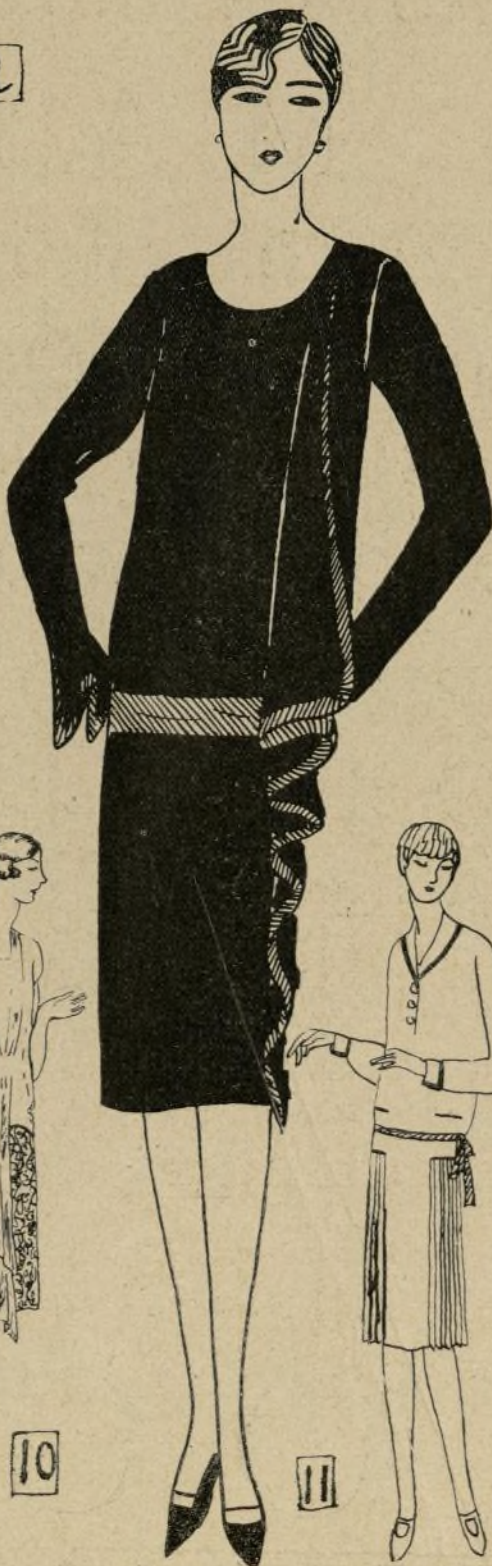
5



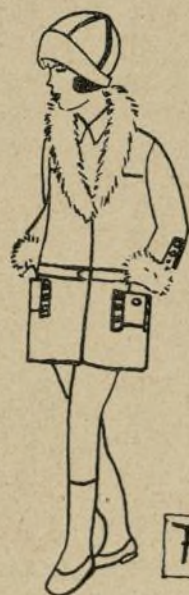
8



6



11



7



14



9



10



12



13

POR um dever de lealdade para com os comerciantes ainda não ao par do que é, verdadeiramente, o grandioso certame que estamos organizando, ainda hoje não damos a notícia dos que, incondicionalmente, já ofereceram à *Voga* a sua colaboração, que muito agradecemos.

Só quando, de um modo definitivo, ficarem estabelecidas e forem do domínio público as condições de inscrição, a *Voga* dirá quais os estabelecimentos de Lisboa que foram os entusiastas incondicionais e espontâneos da nossa obra.

Como, porém, o tempo preciso para a eficaz e completa realização do «Salão da Elegância Feminina» não é senão o suficiente, o próximo número da *Voga* trará já os pormenores necessários.

No entanto, desde já diremos que todos os produtos de uso feminino terão cabimento neste certame e que, portanto, todos os lojistas e comerciantes especializados na venda de objectos e artigos destinados à mulher, se devem inscrever nele.

Os costureiros, os sapateiros, os chapeleiros, os perfumistas, os vendedores de tecidos e modas, os negociantes, enfim, de todas as coisas que interessam a mulher moderna devem utilizar-se do *Salão da Elegância Feminina*, como o mais seguro e útil meio de propaganda e reclame e, logicamente, de prosperidade e triunfo.

Os móveis propriamente femininos, os «bibelots» as dez mil pequenas coisas que adornam e completam a vida feminina actual, tudo encontrará no nosso *Salão* o cenário mais conveniente. O comércio de artigos femininos, disperso por inúmeros estabelecimentos especializados, terá no nosso certame aquela unidade perfeita que tão necessária é e, da visão de conjunto do *Salão da Voga*, resultará, para o comércio e para o público, o máximo de utilidade, de comodidade e, também, um espectáculo grandioso e inédito.

O «*Salão da Elegância Feminina*» facilita a todo o comércio uma maior venda e, ao público feminino, uma muito mais rápida e perfeita escolha de tudo quanto o interessa.

Constituindo um superior e requintado espectáculo de beleza, representa, simultaneamente, para as senhoras e para o público, uma economia de tempo e um aumento de venda, uma facilidade de escolha e certeza de um maior êxito prático.

Fixado que esteja o número de stands



VOGA

(SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER)

PROMOVE E ORGANISA

E M MAIO

NOS VASTOS SALÕES DA

SOCIEDADE NACIONAL

DE BELAS ARTES

E SOB O SEU PATROCÍNIO

O PRIMEIRO SA-

LÃO DA ELEGAN-

CIA FEMININA

A MULHER NO LAR

A MULHER NOS SPORTS

ARTES DECORATIVAS

BELEZA :: ENCANTO :: BOM GOSTO

LER OS PROXIMOS NUMEROS DA

VOGA

que o palácio da Sociedade Nacional de Belas Artes comporta, fixado o seu preço por metro, e registados os pedidos de espaço, proceder-se-há ao rateio, único modo honesto de harmonizar as pretensões do comércio, dada a certeza, que já temos, de que o espaço resultante da soma dos pedidos vai ser superior, muitíssimo superior, ao espaço de que dispomos.

O stand de automóveis e seus acessórios, esse, por ser único, será adjudicado por meio de propostas que deverão ser feitas em carta fechada endereçada à *Voga*, «*Salão da Elegância Feminina*» (Secção de automobilismo), cartas essas que serão abertas em dia previamente anunciado e perante todos os concorrentes.

No caso de igualdade de propostas, proceder-se-há à licitação verbal, na mesma ocasião, e ainda perante todos os pretendentes.

As cartas respeitantes a este stand podem, desde já, ser enviadas à *Voga*, com o endereço citado, e os esclarecimentos a ele referentes são, também, desde já fornecidos na nossa redacção, todos os dias úteis, e às horas já anunciadas.

Do valor deste stand, do quanto ele comercialmente representa para a propaganda e reputação de uma fábrica de automóveis, é inútil falar.

O facto de se tratar de um stand único exprime, sobejamente, o seu valor.

Enfim, chegou o momento de todo o comércio estar alerta, preparado e pronto para um certame que vai constituir, como se vê, um seguro e, aliás, económico meio de êxito comercial e deslumbrante e útil espectáculo de beleza e progresso.

AS MULHERES
E A PENA DE MORTE

SUSCITA-SE agora, em França, uma questão um pouco complicada: as mulheres devem ser excluídas da pena de morte, nos países em que este bárbaro castigo subsiste?

Os anti-feministas aproveitaram o assunto para fazer *blague*, *blague* de mau gosto, mas encerrando um certo fundo de lógica. Estranham eles, com sarcástica ironia, que reclamando as mulheres a igualdade de direitos para os dois sexos, queiram agora protestar contra a igualdade na punição. Então, se as mulheres entendem que devem ficar excluídas da pena de morte, onde vai parar a famosa igualdade que tão clamorosamente reivindicam?

E, por seu turno, as mulheres entrevistadas sobre este assunto, quasi todas advogadas, condenando, embora, a pena de morte, declaram, com fria lógica, que se ela é abominável para os homens o é igualmente para as mulheres, não havendo, portanto, razões para uma campanha tendente a excluí-las da guilhotina, da forca ou da cadeira eléctrica.

Uma senhora de noventa e um anos teve este conceito lapidário:

— Numa época em que as mulheres reclamam todos os direitos dos homens, é justo que corram os mesmos riscos.

HISTÓRIAS PARA GENTE MOÇA

DONA CLARA E DOM REINALDOS



ESTAVA-SE no tempo em que desabrocham os lírios e surge a primavera; naquele tempo amável em que as árvores se enchem de flores e frutos e, em toda a gente, o coração se enche de sonhos e esperanças... E foi exactamente nessa quadra do ano — tão linda, tão encantadora — que Dom Reinaldos trouxe a sua prima Dona Clara, uma corça de neve, a qual ensinara a vir comer à mão do dono.

Dona Clara ficou louca de contentamento com tão lindo presente. Mas a verdade é que, para ela, qualquer dádiva vinda das mãos de Dom Reinaldos lhe seria agradável porque Dom Reinaldos e Dona Clara há muito que se amavam: o seu casamento estava apazado até para o dia seguinte... Como ambos esperavam ser felizes!

Reinaldos não casa comigo lá por eu ser muito rica! — dizia para consigo, muitas vezes, a formosa donzela. Eu poderia ser uma pobre rapariga, sem cinco réis de meu, que nem por isso o meu Reinaldos me quereria menos. Quer-me-a sempre, fosse eu como fosse, e quer-me há eternamente!

E caminhando pelo seu quarto, enquanto ia falando, Dona Clara olhava para o vên de noiva que no dia seguinte lhe cingiria a cabeça lindíssima.

Mas, ao desviar os olhos do seu véu de noiva, Dona Clara viu diante de si a sua velha ama Alice, que havia entrado no quarto.

— Quem safu cá de casa ainda há pouco, minha linda menina? — perguntou a velha ama.

— Foi meu primo Dom Reinaldos, — respondeu sorrindo e corando Dona Clara. — Trouxe-me uma corça branca de neve e, em verdade, é o último presente que me oferece enquanto sou solteira... Porque, de amanhã em diante, tudo quanto me der já será dado à sua esposa-sinha...

A velha ama poz-se também muito vermelha mas não sorriu.

— Deus seja bendito! — exclamou. Ainda bem que as coisas se arranjam sem desgostos!

— Que é que estás para aí a dizer, oh ama? Porque falaste ainda agora em desgostos? — perguntou Dona Clara. — Entre mim e meu primo Dom Reinaldos há um grande, um profundo e sinceríssimo amor, ouviste?

— Mas eu não disse menos disso, minha querida menina!

— Disseste sim, disseste!... E eu quero saber já mas já, o que é que tu querias dizer com as tuas palavras!

A velha ama torcia as mãos aflitivamente:

— Oh minha querida menina! Para que hei-de eu estar agora a falar do que já lá vai?

— Quero que me digas tudo, tudo, ouviste?

— É já! — ordenou Dona Clara, muito pálida.

A velha ama, toda a tremer, respondeu então:

— Eu disse que... que, ainda bem que as coisas se arranjam sem desgostos!... Porque... porque... Oh minha linda menina! Dom Reinaldos não é sómente o dono de mais de metade deste condado: pertencem-lhe também as terras

como sendo a sua filha. E agora, agora... já sabe tudo!...

— Ah minha mãe! Minha mãe! Foi uma acção detestável aquela que praticou! — disse aquela que já não era Dona Clara. — Como teve a senhora coração para colocar a sua filha no berço da filha dos srs. Condes? Como é que teve coração para iludir o sr. Conde, que era o melhor homem do mundo.

— Não fale tão alto, minha... menina!... — disse a ama cheia de terror. — Fale mais baixo... ou antes: não fale, não diga nada. Guarde este segredo no seu coração como bem desejaria



ter guardado o meu para sempre... Se assim fizer tudo correrá bem até amanhã... Porque tudo quanto hoje possuí — cada pedaço de terra, todas as telhas e pedras das suas casas — será de Dom Reinaldos e seu, quando ambos forem marido e mulher!...

— Se eu tivesse nascido mendiga — disse a pobre menina — todo o mundo por certo o saberia. A senhora mentiu por minha causa, minha mãe! Mas eu é que não quero mentir em meu favor. Devo e quero contar tudo, hoje mesmo!

E tirou o colar de diamantes que lhe cingia a formosa garganta e os anéis, as pulseiras e todas as jóias que usava.

— Que está fazendo, meu amor? Guarde o seu segredo por pouco tempo que seja! Por um mês só! por uma semana! um dia só! um dia só!

— Não! — retorquiu a pobre menina. Mesmo porque desejo experimentar até onde poderá chegar o amor dum homem!

— O amor de Dom Reinaldos?... Mas o que o sr. Dom Reinaldos fará imediatamente, se a menina lhe conta tudo, é apoderar-se das terras e casas que por justiça lhe pertencem!

— E nesse caso não fará mais do que usar dos seus direitos! — respondeu aquela que até ali fora Dona Clara. — Hei-de fazer aquilo que disse, muito embora amanhã me sinta morrer de pena por ele se afastar de mim!

— Pois bem, minha menina! Faça como diz, vá ter com Dom Reinaldos, conte-lhe tudo, já que assim o quere... Mas... dê um beijo à sua velha ama... dê um beijo à sua mãezinha! Porque eu sou sua mãe, meu anjinho, eu sou sua



mãe, a pesar de tudo!... Oh meu amor, eu se pequei foi simplesmente para a fazer feliz...

— Como tudo isto me parece um sonho, meu Deus! — disse a filha da velha ama.

E voltando-se para Alice beijou-a nas faces enrugadas.

— Aqui tem o beijo que me pediu, mãezinha!... E agora, agora coloque as suas mãos sobre a minha fronte e diga «Deus te abençoe!» porque eu vou confessar tudo a Dom Reinaldos!

Despiu o rico vestido de seda que trazia, e substituiu-o por outro de fazenda ordinária, um vestido que já mais Dona Clara poderia envergar mas que era próprio de quem já não era mais do que filha duma pobre aldeã. Depois, pisando firmemente as lageas dos corredores, desceu as escadarias que davam para os jardins. Ia em busca de D. Reinaldos; os seus únicos adornos eram a rosa branca que levava na mão pequenina e a rosa vermelha que lhe enfeitava os lindos, os formosos cabelos...

A corça branquinha que o noivo lhe havia dado, ao vê-la de longe descer as escadas, levantou a cabecita para lhe pedir carícias, poz-se de pé e seguiu a sua dona durante todo o caminho até casa de Dom Reinaldos.

Dom Reinaldos viu de longe a pobre menina e correu logo ao seu encontro.

— Mas... Dona Clara... Que brincadeira é essa de andar vestida como uma rapariga da aldeia em dia de trabalho? A minha noivasinha, que é a mais linda flôr do mundo inteiro, tem de andar vestida como a flôr mais linda que é!...

— Se vim vestida como uma rapariga da aldeia, é que tenho de seguir o meu caminho, visto ter mudado inteiramente a minha vida. Sou apenas uma pobre de Cristo, sou uma mendiga! Já não sou uma flôr; já não sou Dona Clara!

— Basta de brincadeiras! — retorquiu Dom Reinaldos. Não me traga historietas que eu não saiba ler. Diga-me com toda a franqueza, com toda a sinceridade o que foi que lhe sucedeu, porque eu pertenço-lhe inteiramente, como a menina inteiramente me pertence, e temos de falar sempre verdade um ao outro!

A pobre menina, erguen com firmeza o busto, e olhou fixa e amoravelmente aquele que até há pouco fora seu noivo. Corajosa e decidida, contou-lhe tudo, quanto a velha ama lhe confessara.

Quando acabou de dizer tudo, viu que Dom Reinaldos, com grande surpresa dela, s punha a rir, a rir, a rir consolada e bondosamente...

Dom Reinaldos erguera-se e, tomando nas suas mãos a cabecita loira da sua noiva, depunha nos seus cabelos um beijo...

— Se tudo isso é verdade, se tudo isso não



fôr antes uma história daquelas que as velhas contam às crianças, ainda assim, meu amor, não será por aí que há-de vir o mal ao mundo!... Se não nasceu herdeira de todas estas terras que pertenciam ao velho Conde; se todas estas colinas, herdades e casas são minhas em vez de serem suas, amanhã tudo será tão seu como meu... Porque, amanhã, de manhãzinha, casaremos ambos, meu lindo amor! E assim, a minha noivasinha é e será Dona Clara, minha esposa e meu único amor!...

(Extraído dum conto em verso do grande poeta inglês Lord Alfredo Tennyson).

A PROPÓSITO DE LIVROS

O BERÇO, DRAMA DA SERRA, por Hipólito Raposo

O PALHAÇO FRANCÊS, POESIAS INFANTIS, por Maria Helena

HIPOLITO Raposo é um dos autênticos valores da contemporânea literatura portuguesa, e foi com o maior agrado e desvanecimento que lêmos a última obra que acaba de lançar no mercado: um drama regional em três actos sob o título sugestivo e amável de *O berço*. A crítica deveria, em nossa opinião, dedicar largo espaço a este novo trabalho de ilustre escritor pois que, em boa verdade, não são vulgares obras como esta a que nos estamos referindo. A delicada sensibilidade de Hipólito Raposo, a sua portuguêsíssima prosa, límpida como água corrente, cheia de clareza e de harmonia, o seu equilibrado sentido das proporções, inimigo de malabarismos ou refinamentos frustes, tudo se patenteia mais uma vez neste dramazinho da serra, autenticamente regional mas adentro dum regionalismo que vive do conflito das almas rurais e por forma alguma das miserias exterioridades a que entre nós — por uma errada visão crítica — se convencionou chamar regionalismo... Levá-lo muito longe o expor-mos aqui o que deverá significar semelhante vocábulo e, infelizmente, possível é que nos não fizéssemos entender por tal forma o seu conteúdo anda desnaturado, falsificado mesmo! O certo, porém, é que o regionalismo deverá viver mais, mesmo muito mais das nossas almas do que duns tantos ou quantos modismos vocabulares e da caqueirada dos adereços teatrais com que é de uso e costume rodeá-lo... E foi isso também que o claro e culto espírito de Hipólito Raposo compreendeu há muito tempo: examinada bem a sua já vasta produção literária, um alto significado se tira do exame: um grande, radicado portuguêsismo que já vem dos próprios tempos em que o escritor de hoje era simples escolar de leis em Coimbra. E este dramazinho da serra só vem confirmar o que acima afirmamos. Vivido intensamente, girando todo à volta do mais delicioso e puro de todos os amores — o amor da família — esta peça regional, *O berço*, apresenta-nos o conflito em que se vê envolvida a honra dos rústicos seus protagonistas e desenvolve a nossos olhos a psicologia inconfundível de cada um. Lê-lo, numa época cheia de internacionalismos e de maneiras de ser ou de pensar absolutamente descaracterizantes, é uma indemnização concedida aos que não desejam ir na onda subversora da desnacionalização. Pela parte que nos toca foi com verdadeiro enlevo que fizemos a leitura desses três actos, vivendo por alguns momentos a vida simples e comovidamente sã da boa gente rural. Prouvera a Deus que todos o lêssemos também e que todos quantos escrevem coisas nossas ponde-

rassem fundamente as palavras claras e sensatas de que Hipólito Raposo, no seu estudo sobre regionalismo fez preceder a sua peça!

O maior elogio que podemos conceder a este *Palhaço francês*, sétimo volume da Biblioteca dos Pequenos, e original da sr.^a D. Maria Helena, é que, se tivéssemos um filhito lhe deixaríamos ler o livrinho em questão. Isto de escrever para gente miúda, já aqui o dissemos por mais duma vez, é das coisas mais difíceis por exigir uma técnica muitíssimo especial. Mas, o que sobretudo se torna imprescindível na literatura infantil, é a apresentação de ideias sãs, de sólida moral. Apresentar a um cérebro pequenino ideias que o pervertam ou lhe despertem curiosidades perigosíssimas, o mesmo será que cuspir para cima duma rosa. E tanto assim que o maior amigo das crianças, Jesus, falando em certa ocasião às turbas que o cercavam, afirmou com a sua divina autoridade, que a um corruptor de crianças melhor seria ter-lhe sido atada ao pescoço a mó dum moínho e atirado depois ao mar...

Ora o livrinho da sr.^a D. Maria Helena, *O Palhaço francês*, se nem sempre está inteiramente de acordo com os preceitos da técnica da escrita para crianças, em todo o caso só ideias saudáveis e cristãs apresenta. Não há nele o mais pequeno deslize de moral: não encontramos a demasiada fantasia de que muita vez se faz alarde em obras do género e que só servem para desmortejar os pequeninos leitores; não obrigamos ideias perigosas. Repetimos: se tivéssemos um filhito deixar-lhe-íamos ler *O Palhaço francês*... O verso é fácil e certas poesias como a *Oração do Luís*, imitada de uma outra e conhecida poesia francesa, tem graça e não causam dano.

O livrinho tem ilustrações de Eduardo Malta que a gente miúda verá com prazer.

F. M.

VOGA, SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER é a melhor e mais barata das publicações do género em língua portuguesa.



Vestido em crepe selim preto e crepe da china branco, criação Max Michels.



Vestido em "tricot" de seda cor de champagne, criação de Philippe et Gaston.



Vestido em musselin de seda mauve em dois tons, criação de Philippe et Gaston.



Casaco em veludo preto e veludo branco, perle enfileado a raposa branca, criação de Beer.



Vestido em "marocain" azul marinho e "vieux rose" enfileado a galão azul, criação Philippe et Gaston.



Vestido em crepe da china azul marinho e georgette rose, criação de Philippe et Gaston.



Vestido em crepe azul bordado a "vieux rose" e ouro, criação Marial et Armand.

Casaco em veludo "noisette" e veludo creme, criação Beer.

6 trajes de Josefina Baker

Casaco de fazenda enfileado a raposa.



Chapéu em palha "nollier" e marinho, criação de Cora Marson.



Chapéu em palha e fita de selim, criação de Cora Marson.



Chapéu em seda de fantasia, criação de Cora Marson.

Vestido em lamé mauve e flores de seda no mesmo tom.

Vestido em lamé prata do guarda-roupa de flores em metal, criação de Beer.

Todas as fotografias desta página são da casa Manuel Frères.

Vestido em lamé dourado e cor de coral da casa Beer.



Chapéu em palha de seda preta e penas verdes, criação de Cora Marson.



BORDADOS E RENDAS

FILET BORDADO

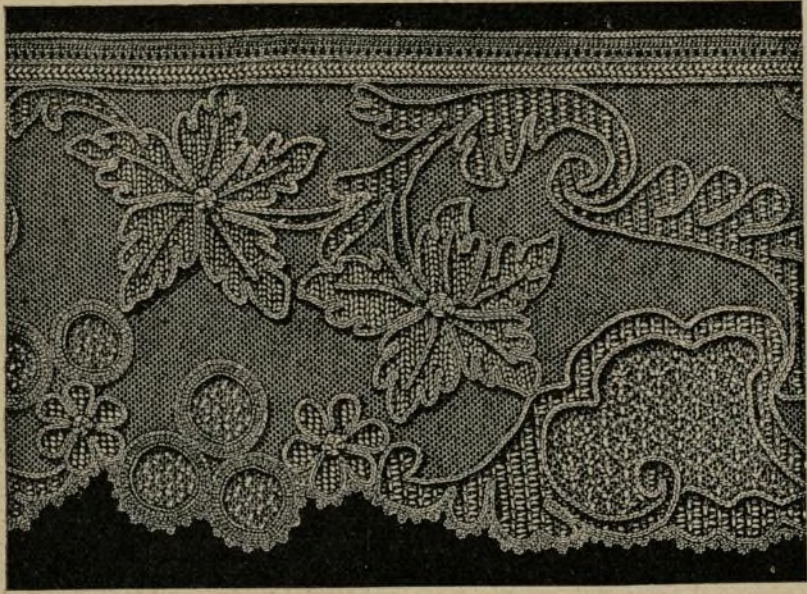
VAMOS esta semana tratar novamente de bordados a côres.

É o *filet* um dos tecidos que mais facilidades nos oferecem para a execução de bordados lindos e bizarros, em tonalidades várias e de efeitos magníficos.

Em *stores*, almofadas, *chemins de table*, nap-

são feitos uns verticalmente e outros horizontalmente.

Além destes alinhavos há umas hastes e caracóis feitos em ponto pé de flôr com lâ muito fina, *zéphir* por exemplo. Os pequenos quadradinhos a cheio, que formam a orela e um dos motivos que decoram o centro do entremeio,



perons, etc., emprega-se com vantagem este gênero de trabalho tão alegre e que dá ao lar um aspecto de íntima beleza, cheia de vida, de côr e arte.

Numa casa de jantar, por exemplo, que é um dos compartimentos mais necessitados de leveza e claridade, devendo, portanto, escolher-se decorações e ornamentos claros e vistosos, assenta este gênero de trabalho maravilhosamente.

Com o *filet* todo bordado com o mesmo motivo e as mesmas côres, espalhando-se por toda a casa em panos e almofadas, consegue-se um tão lindo conjunto que não passará ignorado perante qualquer pessoa, por mais desatenta e distraída que seja.

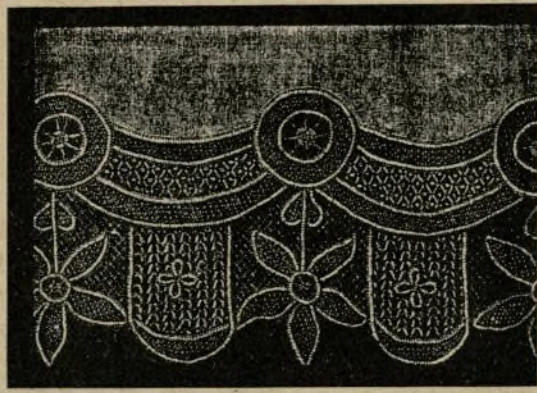
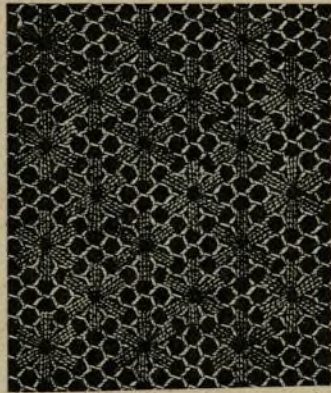
Mãos à obra, jovens «ménageuses», para tornardes o vosso lar lindo e alegre, orgulho da vossa bom gosto e habilidade e encanto da vossa família.

Três modelos diferentes, executados em vários tons, apresentamos hoje, facilitando a escolha pela sua variedade.

Este bordado é feito em lâ grossa e o *filet* miúdo, num ponto rápido e simples que é o alinhavo.

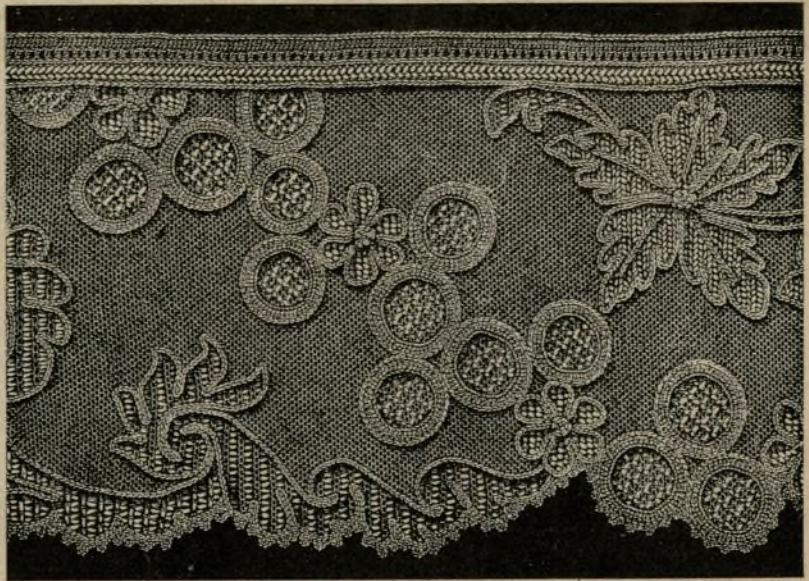
Os alinhavos, conforme o desenho mostra

também são feitos com a mesma lâ muito fina e são trabalhados passando a lâ no mesmo qua-



drado, ora por baixo do fio que o enquadra, ora por cima, até se encher todo o quadrado. E assim se enchem todos como a gravura mostra.

claro, a mobília também clara e bordando depois o *filet* (que também deve ser claro) com *beige* mais escuro que o *filet*, e azul forte. O



O único desenho que tem esta variante de ponto é a barra.

Esta barra deve ser aproveitada em qualquer disposição interessante, com barras ao alto ou atravessadas, ou ainda formando qualquer figura geométrica como triângulos, hexágonos, etc.

Os nossos dois outros desenhos são para bordar todo o *filet*.

São ambos d'um recorte muito gracioso, onde as côres, bem harmonizadas, põem a nota vibrante do seu poder absoluto de beleza e alacridade, cheia de brilho e fulgor.

As côres em que se devem fazer estes bordados não devem ser escolhidas ao acaso. Segundo a côr em que fôrem pintadas as paredes, assim será escolhida a côr predominante, para se executar qualquer das nossas gravuras.

Ficava um conjunto cheio de harmonia e elegância se tivéssemos a casa pintada de amarelo

feito obtido somente por estas três tonalidades, duma suavidade agradável, é soberbo, como os leitores poderão imaginar, reconstituindo «in mente» o que lhes sugiro nesta minha indicação.

Sendo a parede pintada de verde, vermelho ou «vieux rose», e sendo a mobília clara, pode fazer-se o conjunto com a lâ no tom claro da mobília e no tom mais forte e escuro da parede.

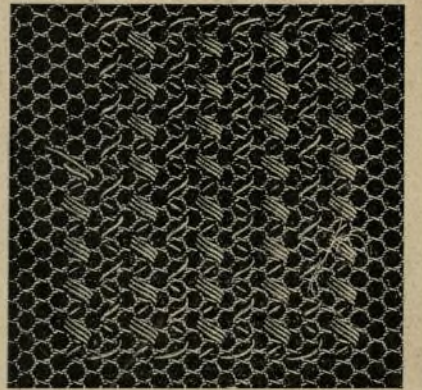
Quando a mobília é castanho escura, da mesma maneira se pode empregar o tom claro, pois ficará assim mais alegre e convidativo.

Para que as côres possam ser escolhidas e combinadas com mais facilidade e harmonia, convém escolher o *filet* sempre claro, branco ou amarelinho. Como hoje se fabrica *filet* em vários tons, convém lembrar que não se devem empregar essas novas fabricações, pois que viria destruir o conjunto suave, conscientemente escolhido.

Exceptua-se o caso de se querer comprar o *filet* num tom, e juntar-se-lhe somente mais um ao bordado que se lhe quizer fazer. Desta maneira combinavam-se os dois tons, lâ e *filet*, do mesmo modo que se combinavam os dois tons de lâ a empregar.

É necessário que a consciência da harmonia de tons se espalhe em todos, não só no arranjo do lar como nos vestidos, que hoje se tornaram uma maravilha de bom gosto.

Modernamente o lar não vive pelas suas mobílias de estilo, aparatosas e caras, nem pelos reposteiros rígidos e ricos, nem pelas almofadas

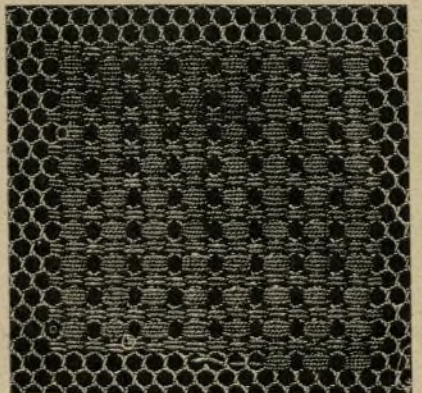


só em seda, recamadas de flôres a matiz e doiradas.

Hoje são os cretones que, principalmente, imperam.

Há cretones em reposteiros, almofadas, divans, emoldurando quadros, forrando *maples*, estofando mobílias completas, etc. Eles tornaram-se um elemento indispensável em todas as casas a que emprestam a sua brilhante riqueza de côr e de graça.

É, pois, no bom gosto de quem escolhe os cretones, pretendendo harmonizá-los com o as-



pecto geral da casa, que consiste todo o segredo da beleza íntima do lar moderno que vive do conjunto dos tons.

Enfeitai, pois, o vosso lar com cretões, policromia, sabendo alternar e misturar bordados e cretones nas mesmas tonalidades e motivos aproximadamente parecidos.

BERENICE.

NOTA: — Por absoluta falta de espaço sômos forçados a retirar parte das gravuras a que se refere esta crônica, e as quais inseriremos no nosso próximo número.



CARTA DE PARIS

O. ULTIMO TRIUNFO

UTILIDADES

Minha querida:

É is que de novo a febre se apodera de nós todas. Os costureiros e as modistas começaram a atormentar-nos com as suas colecções que expõem diariamente perante os nossos olhos maravilhados.

O que foi elaborado com dificuldade e azáfama, com uma preocupação grande de elegância de cada momento, vê enfim o dia e foi submetido ao exame dos peritos e à crítica dos estranhos.

Reunidos em grupos no salão elegante do costureiro, espera-se ansiosamente o desfile dos modelos.

Inventados no mais profundo mistério, executados com consciência e arte, eis as maravilhas que se aproximam.

E enquanto desdenhosas, as mulheres, com um leve aceno, os separam e condenam, eu penso nas horas de trabalho e perseverança que foi preciso empregar, em modelos que, ali, num momento, com um só olhar são postos de parte.

Numa colecção de 150 modelos, apenas 25 vencem e são repetidos. O sucesso é bem frágil e bem depressa esquecido. Assim a levandade



mundana com celeridade esquece a colecção que não foi aprovada.

O que é agradável ver-se, é as colecções dos vestidos para crianças. Encantadores manequins de 5 a 15 anos passeiam graciosamente cheios de grande importância.

Falar-te-ei delas mais longamente na próxima vez, porque eu ainda não vi os novos modelos. Desta vez escolhi dois modelos para teu marido.

Um lindo «robe de chambre» com desenhos modernos em azul escuro e branco. A gola, larga, e os punhos são em setim-azul.

Os «cache-cols», actualmente muito apreciados, feitos em tricô com cores misturadas, são infinitamente procurados. Eis um em preto, cinzento e branco.

O monograma é metido num losango e guardado a parte que cai a direito.

Sempre à tua disposição para o que desejes, envia-te muitos beijos a tua tia

NUELMA.

O sr. Jacinto Monteiro vivia, retirado dos negócios, uma existência melancólica. O dia em que as suas faculdades mentais e a sua energia física enfraquecidas, lhe aconselharam, por prescrição médica, um viver mais calmo, foi, para ele, duma tristeza indizível.

Julgou que a morte estava próxima. E essa ideia tê-lo-ia lançado num grande exaspero, numa incurável neurastenia, se a felicidade de sua filha, que ele procurava, com a sua habitual tenacidade, construir, não lhe viesse tornar menos escura a negra nuvem que lhe tolhida o espírito.

O sr. Jacinto Monteiro era um homem bondoso, mas autoritário. Reconhecendo esse defeito procurava dissimulá-lo, esforçando-se sempre por afastar, daqueles a quem esmagava com a sua vontade enérgica, a impressão de que estavam sendo dirigidos.

Sobre sua filha tomara, após longas reflexões, a decisão de a casar, logo que ela completasse os vinte anos. E seria ele quem escolheria o noivo.

Como conseguiria, porém, impôr-lhe o amor por um homem, desde que não fosse ela, que herdara seu voluntário feito, quem, livremente, o escolhesse? O sr. Jacinto estimava muito sua filha para ousar contrariá-la, mas sentia-se incapaz de anular o seu espírito autoritário, permitindo que à sua volta qualquer acontecimento importante se desse, sem dimanar da sua influência directa.

Sua filha, que vivera a maior parte da sua existência isolada na sua quinta, longe da vida inquieta e intensa das cidades tinha, a pesar das suas maneiras calmas e dos seus pensamentos serenos, uma alma um pouco quimérica e pueril. Era uma romântica — uma romântica que receava, temendo o ridículo, confessar suas generosas aspirações e seus sonhos pouco compatíveis com a vida.

O pai adivinhara-lhe esse pudor, e como lhe desagradava, resolvera-se a combatê-lo, sem recuar diante de qualquer subtileza ou mistificação. Um dia, finda a refeição da tarde, olhou-a, longamente, e disse-lhe:

— Estás em idade de casar, embora nunca tenhas, como acontece com a maioria das raparigas da tua idade, até hoje, escolhido quem te mereça e te faça feliz. É meu dever, tanto mais que a minha vida não será longa, proporcionar-te a ocasião de poderes eleger o que será teu marido.

Resolvi convidar a passar, um mês, na minha quinta, duas criaturas minhas amigas: uma, é um rapaz muito prático, capaz de todas as grandes realizações positivas, e a outra, um poeta encantador, todo emoção, todo lirismo. Ambos me agradam e, entre eles, podes escolher à vontade, podes mesmo rejeitá-los, se te não agradarem.

A ideia de que ia conhecer um poeta, alvoroçou-a. Não se pôde furtar a um ligeiro fulgor nos olhos e a enrubescer de contentamento. Mas foi com afectada indiferença que replicou:

— Como o pai quiser...

E ergueu-se da mesa, com precipitação, não fosse o pai descobrir-lhe a alegria profunda, a doida alegria que a penetrara. Um poeta, na sua intimidade! A ideia de que esse sonho tão amorosamente acalentado se ia realizar, originou-lhe a sua primeira noite intranquilha.

Definira-os, antes de os conhecer. O engenheiro, por meio de cálculos laboriosos, aumentaria a sua fortuna. Casando com ele, teria dinheiro a mais e felicidade a menos. O poeta descuidaria um pouco, senão muito, as preocupações materiais, mas dar-lhe-ia uma existência

deliciosa, plena de adoração e nobre sentimentalismo.

Quando os conheceu, rejubilou. O poeta era um sonhador, sem ridículos, de raciocínios equilibrados e inteligentes. O que ele lhe disse da paisagem, sem arrevesamentos literários, em frases simples e espontâneas, encantou-a. A sua palavra, embora não desrespeitasse o verdadeiro carácter das coisas, embelezava-as, animava-as duma vida ardente — tão ardente, talvez, como a sua alma vibrante e expansiva.

Não lhe fazia madrigais, nem a lisongeava com palavras de admiração pela sua mocidade e esbelteza. Sempre que a ocasião se lhe proporcionava para proferir uma amabilidade mais requintada, perturbava-se um pouco e ficava, depois, um momento silencioso, como que arrependido.

O engenheiro elogiava-lhe a quinta, falava do seu rendimento, que devia ser grande. Em todas as suas palavras, em todos os seus gestos, revelava um cuidado meticuloso. O bom senso falava pela sua voz, com irritante exageração. E, enquanto o poeta era discreto, o engenheiro era atrevido. Seus olhares, envolviam-na, dum modo tão perturbador, que a faziam corar.

A atitude de seu pai, para com o poeta, irritava-a. A pesar de tratar ambos com a maior cortesia, adivinhava nele uma preferência pelo engenheiro, que a afrontava como uma injustiça e lhe fazia recear pelo futuro. Porque ela, estava disso convencida, amava o poeta tanto quanto considerava execrável o engenheiro.

Dias depois, quando repeliu uma declaração ousada e um pouco grosseira do engenheiro, teve, na frieza com que o pai lhe falou, a confirmação dessa odiosa preferência.

— Meu pai, embora lhe dê um grande desgosto, devo confessar-lhe com a sinceridade com que me habituei a dizer-lhe o que penso, que detesto o seu engenheiro tanto quanto amo aquele com que desejo casar.

Ficou um momento suspensa, quasi sufocada pela sua confissão. E depois acrescentou, corada, com os olhos rebrilhando:

— Se o pai me der consentimento.

— E se recusar? — inquiriu o pai, num tom severo.

— Não recusa, pois que me disse que poderia, entre os dois, escolher livremente.

— Curvo-me à tua vontade. Resta-me ainda saber se ele gosta de ti.

E a um sorriso velado da filha, perguntou:

— Já se declarou?

— Várias vezes, sem me dizer uma única palavra.

— Já está uma declaração eloquente. E também lhe disseste que sim, com a mesma mudez?

— Olhei para ele duma certa maneira.

E com timidez, acrescentou:

— Quer dizer, baixei os olhos...

O sr. Jacinto Monteiro ficou radiante. Seu autoritarismo implacável tinha triunfado de sua filha, sem ela dar por isso. O seu estratagemma, apresentando o poeta como engenheiro e o engenheiro como poeta, dera-lhe a vitória. Vitória que o poeta — que guardava toda a poesia para os seus sonetos — dum prosaísmo quasi de comerciante, e o engenheiro, que, fora das suas ocupações, era sonhador e duma natureza vibrante de poeta, favoreceram...

ELENA DE GUSMÃO.



Um dos modelos a que se refere a nossa «Carta de Paris»

dôres resultantes de resfriamentos. Em seguida um tubo de aspirina. Uma pequena caixa de bromo-quinino, duas ou três doses de óleo de ricino. Uma porção de sulfato de soda dividido em papeis de 30 grammas cada. Algum ácido bórico, linhaça, uma garrafa de borato de sódio, um frasco de tintura de iodo, uma pequena caixa de dermatol e, finalmente, um rolo de algodão, gase, ligaduras, dois ou três panos de flanela, um pequeno pincel e um termómetro.

A estes produtos poderemos ainda juntar uma porção de vaselina e um pequeno frasco com glicerina, que no momento oportuno poderá servir com a maior utilidade.

Dir-nos-hão que a ambulância doméstica será bem mais cara do que qualquer adorno para a sala de visitas, mas podemos afirmar que a sua utilidade compensará bem o seu custo, principalmente quando a residência fica afastada da farmácia ou hospital.

Que... o seguro morreu de velho!

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	136\$00
Exemplares registados....	45\$40	88\$80	177\$60
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	140\$00
Exemplares registados....	46\$40	90\$80	181\$60
Brasil	36\$00	70\$00	140\$00
Exemplares registados....	46\$40	90\$80	181\$60
Estrangeiro	40\$00	78\$00	156\$00
Exemplares registados....	50\$40	99\$20	198\$80

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

RECEITAS CASEIRAS

PARA TIRAR AS NÓDOAS DO SUOR NAS ROUPAS

BATE-SE uma gema de ovo em pouca água, acrescenta-se-lhe um pouco de álcool, e com esta mistura se tiram as nódoas, principalmente dos colarinhos e golas de pano ou de veludo. Termina-se a operação, lavando bem em água comum, com esponja ou escova.

PASTILHAS ODORÍFERAS PARA PERFUMAR QUARTOS

FACA-SE cuidadosamente o seguinte preparado:

Incenso em pó.....	200 grammas
Estoraque em pó.....	200 »
Azotado de potássio em pó.....	100 »
Goma arábica em pó fino.....	200 »
Carvão vegetal em pó.....	1000 »
Folhas de rosa secas e pulverizadas	300 »

Cada um destes seis ingredientes deve ser pulverizado separadamente e só depois disso se misturam intimamente o melhor possível. Depois e à parte, põe-se a ferver um litro de água

destilada de rosas, na qual se dissolveram primeiro 30 grammas de goma adragante; nesta água se deitam todos aqueles pós sucessivamente e se mistura tudo, agitando muito bem; por último, quando a massa se tornou bem homogênea, deitam-se-lhe ainda 15 grammas de essência de rosas e de novo tudo se agita, para que esta essência fique bem incorporada na massa.

Resta dividir essa massa, ainda branda, em pastilhas do tamanho que se quiser dar-lhes. Estas pastilhas põem-se a secar e, depois de bem secas, guardam-se em recipiente fechado. Para as utilizar, queima-se no quarto uma ou duas, num prato metálico apropriado. Espalham então na atmosfera um delicioso aroma de rosas.

CUIDADO COM OS ENGOMADOS

MUITAS senhoras ignoram que, no acto de engomar, o ferro demasiado quente pode fazer desmaiar e até desaparecer as cores das roupas, tanto como sucede com a acção aturada da luz do sol.

Haja, pois, cautela com o modo de passar as roupas a ferro.

RECEITAS DE COZINHA

JANTAR DE MAGRO

JANTAR

Sopa de arroz e ervas em caldo de peixe
Pargo cosido
Couve-flor em fritura
Guisado de ameijoas e ovos

SOBREMESA

Castanhas em rum

JANTAR

SOPA DE ARROZ E ERVAS EM CALDO DE PEIXE

Deitam-se numa caçarola uma boa porção de manteiga, bastante salsa, coentros e cebola cortados, um punhado de acelgas bem lavadas, e põe-se isto a frigar por pouco tempo; junta-se-lhe, em seguida, a quantidade precisa de caldo do peixe cosido que há de fazer parte do jantar e deixa-se cozer durante uma hora; então deita-se-lhe o arroz e queijo parmesão ralado e cose-se o tempo necessário.

Cosido que seja o arroz passa-se tudo para uma terrina e serve-se.

PARGO COSIDO

Amanhã convenientemente o goraz, põe-se numa «peixeira», com salsa, coentros, cebolas, sal, lasquinhas de casca de limão e bem coberto de água, o peixe, leva-se ao lume, onde fica não mais de um quarto de hora. Tira-se do lume a «peixeira» e deixa-se resfriar o caldo com o peixe dentro durante outro quarto de hora; então saca-se o peixe, cuidadosamente, para o não partir e serve-se numa travessa, quente ou frio, com molho picante, ou com azeite, sumo de limão, sal e pimenta.

O deixar resfriar o peixe dentro do caldo na «peixeira», durante um quarto de hora, tem duas vantagens: fazer com que o peixe melhore o gosto dos condimentos e não o expor tanto a partir-se ao tirá-lo da «peixeira».

Quanto ao caldo, serve para fazer a sopa de arroz e ervas, acima indicada. Para isso, tirado o peixe, põe-se de novo o caldo ao lume, junta-se-lhe azeite, e deixa-se ferver uns dez minutos, passados os quais, cõa-se e guarda-se para fazer a referida sopa.

COUVE FLOR EM FRITURA

Prepara-se uma couve-flor, tirando-se-lhe as folhas e aproveitando sómente a parte interna e as flores. Mete-se em água com pouco sal e põe-se ao lume, dando-lhe apenas meia cose-dura, depois da qual se tira a couve-flor da água e se deixa escorrer; em seguida, corta-se em bocados e metem-se estes num polme bem ligado, feito de farinha, água, gemas de ovos e pouco sal; frege-se então a couve-flor, assim envolvida no polme, em uma caçarola com azeite a ferver.

GUISADO DE AMEIJOSAS E OVOS

Põem-se as ameijoas vivas em água salgada fria durante algumas horas, para abrirem e largarem a areia ou lodo; tiram-se da água e deixam-se escorrer. Numa caçarola deita-se bastante azeite, cebola, salsa e alguma, não muita, pimenta; leva-se ao lume e deitam-se na caçarola as ameijoas dentro das cascas; quando estiverem todas bem abertas, tiram-se do lume, deitam-se-lhe algumas gemas de ovos bem batidas em sumo de limão, mexe-se tudo muito bem e serve-se quente.

SOBREMESA

CASTANHAS EM RUM

Escolhem-se castanhas perfeitamente sãs, fende-se-lhes a casca com a ponta duma faca e, como é de uso, assam-se numa assadeira crivada, sacudindo esta de vez em quando; em seguida, descascam-se e, uma a uma, vão-se esmagando entre as palmas das mãos e pondo numa travessa onde já está manteiga derretida e açúcar branco em pó. Quando se quiser servir-las, regam-se na mesa com bastante rum, ao qual se larga fogo e, logo que a chama esmoreça, comem-se.

SONHOS DE CAMARÃO

Tomam-se cerca de seiscentas gramas de farinha e põe-se em suspensão (seis decilitros) num volume igual de água; deitando-a a pouco e pouco, tempera-se com sal e leva-se ao lume a cozer numa caçarola.

Depois de cosida tira-se o caldo ou massa do lume e deixa-se arrefecer. Estando fria, junta-se-lhe um bocadinho bom de manteiga (umas trinta gramas), pimenta, salsa picada e uma porção de camarão reduzido a polme. Mistura-se tudo muito bem e, em seguida, vão-se deitando na massa ovos, uns cinco ou seis ovos, cada um por sua vez, batendo bem a dita massa, não a deixando ficar rala.

Põe-se ao lume, noutra caçarola, azeite bom e, quando ferve, deitam-se-lhe dentro colheradas da massa, que deve enfiar ao cair no azeite, conservando-se dentro d'ele até que estejam bem loiros, formando os sonhos.

Pode usar-se o mesmo processo para peixe cosido em vez de camarão.

AMOR TRIUNFANTE

A chegada dos ciganos pôs em alvoroço a vilória ribatejana.

Acamparam no pinhal da Torre; vinham para a feira de gado, a mais importante do país, que devia realizar-se na semana próxima.

O rancho era numeroso e abastado.

Isso via-se logo, no trajar aprimorado dos homens: caças de boa fazenda, belas cintas de seda, jaleca trabalhada com alamares e aplicações de veludo, e chapéu cordovês posto a preceito.

Alguns ostentavam grilhão de prata macissa, donde pendiam libras em ouro, à guisa de medalhas.

As mulheres bambolevam-se nas suas saias rodadas, orladas de folhinhos, deixando apenas lóbrigar a biqueira dos sapatos de polimento, e



cingiam o busto airoso com lenços de ramagens vistosas, traçados sobre a curva firme do peito e presos na cintura delgada que o franzido cerrado das saias não conseguia deformar.

Novas e velhas luziam argolas de ouro, colares e pulseiras de cores variadas.

Uma, porém, de entre todas, chamava a atenção pela sua formosura, morena e estranha, pelo singular encanto de toda a sua pessoa.

Não existiam, decerto, em todo o povo cigano, olhos mais negros e luminosos; cabelos tão retintos e dentes mais alvos do que os seus.

Movia-se com a graça languida de certas bailadeiras orientais e tinha um ar desdenhoso e altivo de soberana mal disposta.

Esta era Zenóbia, a bruxa do rancho, a cigana misteriosa que os próprios irmãos de raça olhavam com admiração e quasi temor.

Por ela se apaixonou logo D. Vasco, moço vigoroso e amante de cavalarias, último representante duma família de fidalgos-touros, que sabiam beijar galantemente a mão às damas nos salões dourados dos solares e cantavam o fado à guitarra na taberna da Cascata, em noites de estúrdia e espera de touros.

Em Coimbra, onde estivera, o fidalgo da Torre, — que assim o tratava a povo, — dera brado pelo seu feito folgazão e turbulento.

Chegou ao terceiro ano de Direito depois de várias reprovações e daí não passou. A mãe achou que não valia a pena insistir no seu empenho de o ver doutor e entregou-lhe a administração da importante casa de lavoura que possuíam.

D. Vasco exultou! Tinha manadas de touros, belos cavalos e lezírias imensas para galopar; bem lhe importavam a ele os Códigos e o Direito Romano!

Gostava de envergar o traje tão elegante e característico do campino e, de pampinho ao ombro, montando um cavalo peninsular de pescoço arqueado e farta crina, ia ajudar-lhe próprio a conduzir o gado bravo às pastagens mais afastadas.

A sua alma, tocada do encanto da aventura e do perigo, completava-lhe o físico esbelto e nervoso, estuante de vida e saúde.

Zenóbia agradou-lhe e logo projectou raptá-la. Seria um escândalo; os ciganos desafiá-lo-iam para uma luta de morte.

Saberiam, então, quanto valia um homem!

E o fidalgo da Torre, cuja mocidade impetuosa carecia de emoções, e que estava habituado a dominar corações femininos, todos rendidos ao seu ar dominador que contrastava com a ternura do seu temperamento amoroso, sentia o sangue escaldar-lhe as veias e uma força nova animá-lo, ao pensar na cigana da sua paixão.

Começou a frequentar o acampamento.

A sua qualidade de lavrador e criador de gado facilitou-lhe as relações com os ciganos, e o seu feito generoso e franco depressa lhe captou as simpatias.

Zenóbia, porém, parecia não reparar nele e, se o fitava um instante, logo voltava a cabeça, num gesto de desdém quasi trocista, que mais o excitava e atraía.

Em nada o distinguia dos outros rapazes que

lhe pediam para ela lhes ler a *buena-dicha*, só pelo prazer de lhe falarem.

D. Vasco principiava a impacientar-se.

Conhecia a lei cigana que impedia as raparigas de escolherem namorado fora da sua raça, mas não podia convencer-se de que Zenóbia lhe resistisse.

Era lá possível!

Nunca, até então, o seu orgulho de homem sofrera um desaire! Pelo contrário, fizera correr muitas lágrimas de ciúme e desespero, sem ter sentido, ainda, a chama do Amor abraçar-lhe a alma.

Tivera preferências, caprichos, entusiasmos mais ou menos passageiros, mas nunca amara deveras.

Não seria, decerto, aquela cigana gentil e enigmática que lhe roubaria a paz do coração! Entretanto, os dias iam passando.

Uma tarde, finalmente, encontrou-a, sósinha, à volta da vila.

Deixara atrás as companheiras e seguia, apressada, para o acampamento.

Ao vê-lo, nem sequer se mostrou surpreendida.

Ele, então, caminhando a seu lado, disse-lhe que a amava.

Chamavam-lhe feiticeira e ele estava deveras enfeitado pelos seus encantos!

Toda a serenidade, todo o ar petulante e dominador que lhe eram habituais em transe semelhantes, desapareceram.

Sentiu-se tímido; a voz tremia-lhe e as palavras saíam-lhe dos lábios com um tal acento de sinceridade, que ele próprio se surpreendeu.

Animado, talvez, pelo silêncio dela, que bem podia significar consentimento, ofereceu-lhe tudo, a sua própria fortuna, em troca dos seus beijos.

Viria buscá-la ao anoitecer; fugiriam para uma quinta que ele possuía nos confins do Alentejo e onde ninguém iria perturbar as docuras do seu amor.

A cigana ouviu, ouviu, de cabeça erguida e olhos fitos nos longes da estrada.

Quando D. Vasco se calou, esperando, ansioso, a resposta que ela lhe daria, Zenóbia parou um momento e, olhando-o com dignidade agressiva, apenas disse:

— É o primeiro homem que me falta ao respeito! Só amarei aquele que for meu marido. Para que não se esqueça...

E deu-lhe, com força, uma bofetada.

D. Vasco, aturdido, ficou como que pregado ao solo, enquanto a cigana continuava o seu caminho, desembaraçada e calma, como se coisa alguma anormal lhe tivesse sucedido.

Todos estranhavam o fidalgo da Torre. O seu ar triste, retraído e indiferente, trazia intrigados amigos e servos, que sempre o haviam conhecido folgazão e espirituoso.



Terminada a feira, os ciganos partiram e ninguém mais falou neles.

Porém, os olhos negros e misteriosos, a figura esbelta de Zenóbia e a graça requetada do seu andar, ficaram gravados para sempre no coração de D. Vasco, o homem irresistível, que as mulheres disputavam, sem conseguir prendê-lo!

E um dia, ei-lo que parte, para um destino ignorado, depois de ter encarregado o velho Firmino de olhar pela lavoura e pelos negócios da casa.

Só a mãe confessou o novo rumo que ia dar à sua vida e como, de fidalgo-lavrador, cheio de prosápias e orgulho do seu poder de sedução, ia transformar-se em cigano, finalmente escravo duma mulher.

Chorou a velhinha, cada vez mais triste e

MODELOS DESENHADOS

CONTINUAMOS a publicação desta nossa página que tanto interesse tem despertado entre as nossas leitoras.

Como no Carnaval são os «travestis» que maior êxito têm, suspendemos esta página para fazer a publicação dos costumes carnavalescos que tanto agradaram.

Eis-nos de novo aqui para falar dos vestidos simples, de elegante sobriedade e económica confecção, que são tão úteis e precisos.

O n.º 1 é um curioso vestido em lã. Estes vestidos a dois tons ficam muito mais finos escolhendo dois tons da mesma cor.

Desejando aproveitar qualquer fazenda que já se tenha em casa deve combinar-se muito bem as cores. É desta combinação certa que resulta a elegância máxima do bom gosto.

Este modelo é simplicíssimo. Na saia um *godet* ao lado dá-lhe imensa graça e a ampliação necessária que a moda requiere.

N.º 2. — Vestido em crêpe da China azul escuro, todo num só tom.

Os folhos e os boleros são duas variantes da moda que continuam a usar-se com furor.

Este modelo reúne estas duas variantes num conjunto maravilhoso de graça e beleza.

Na saia vários folhos estreitos cruzam-se à frente. Um bolero curto completa a harmonia deste vestido, sóbrio de cor, onde uma fivela de *strass* é o único motivo que alegria este vestido, em que toda a sua beleza é dada pelo seu elegante corte e conjunto.

N.º 3. — É um casaco direito enfeitado com vizes num tom um pouco mais escuro. As peles e os vizes devem ser na mesma cor bege, cinzento, amarelinho, etc.

N.º 4. — É um elegante casaco em veludo preto enfeitado com tiras de pele em cinzento. Com sapatos e meias cinzentas e chapéu no mesmo tom esta «toilette» fica elegantíssima.

N.º 5. — Vestido em «reps» verde escuro. Dois folhos franzidos terminando ao lado num amplo pano franzido, que desce abaixo da saia, são a única guarnição deste tão simples vestido, mas que tem toda a linha elegante que a moda ordena.

N.º 6. — Casaco de criança em pano bege enfeitado com «opossum» bege acastanhado.

No «empeçament» pequeninos triângulos feitos com franzidos miúdos dão amplidão ao casaco.

N.º 7. — Outro gracioso casaco de criança em cinzento muito claro e peles no mesmo tom. Pequenos botões prateados enfeitam as algibeiras e as mangas.

N.º 8. — Lindo vestido de noite em crêpe da China verde-água. Bolero bordado a vidrilhos dourados e franjas igualmente douradas. É este um lindo modelo, elegante e gracioso, que bastante deve agradar.

N.º 9. — É um lindo vestido em crêpe da China cor de rosa, enfeitado com pequeninas rosas, que tão lindo efeito produzem nos pequeninos vestidos para os bebés.

N.º 10. — Vestido de noite em georgette salmão e rendas prateadas. Uma larga tira de georgette faz uma graciosa gravata que desce ao comprimento do vestido e cai abaixo da saia.

N.º 11. — Vestido em veludo castanho, enfeitado a crêpe da China bege. A linha deste vestido, dum corte tão gracioso, é esguia e duma elegância «raffinée».

N.º 12. — Este vestido tão sóbrio, mas aonde a elegância marcou bem a sua linha, é feito em crêpe da China «gris argent», guarnecido de galão prateado. Uma fita prateada forma o cinto.

N.º 13. — Este engraçado vestido de criança é feito em crêpe da China cor de laranja com botões dourados. A saia é plissada apenas na parte inferior numa pequena barra.

N.º 14. — Gracioso vestido enfeitado apenas com nervuras. Este género de enfeite adquiriu este ano uma grande popularidade, tanto pela sua graça como pelos lindos efeitos sempre económicos e acessíveis.

CARMEN.

mirrada, a ausência do filho único, sua glória e seu amor.

De longe em longe, uma carta vinha dizer-lhe que o seu Vasco era feliz. Tinha um filho, e para ele lhe pedia a benção de avó.

Quando a velha fidalga morreu, numa fria manhã de Novembro, D. Vasco estava à sua cabeceira, amparando-lhe nos braços vigorosos a cabeça branca.

No semblante da morte, nos seus lábios exangues, havia uma expressão quasi alegre.

Tornára a ver o filho!

Foi essa a última vez que o fidalgo da Torre apareceu na vila.

Indiferente a comentários, superior a preconceitos, vendeu tudo, menos o pinhal onde tinham acampado os ciganos, e partiu novamente para o destino que escolhera, para Zenóbia e o filhinho, para o Amor!

ROSA SILVESTRE.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A MULHER
E AS FLORES

DANTES, o melhor presente que se podia dar a uma senhora que se estimasse, era um lindo ramo de flores que têm uma beleza poucas vezes igualada — e que elas compreendiam. Hoje...

Em tempos idos, quando as mulheres tinham menos frio, Paris era mais distante, e os casacos de peles desciam com menor frequência os passeios elegantes do Chiado, era costume encontrar-se a nossa lisboeta, a mais fútil das mulheres portuguesas, com uma flor, aliando a graça própria à graça desta... Hoje não, e até as humildes e tristes violetas, outro tempo tão queridas das nossas mulheres patricias, se encontram esquecidas, só acalentadas num último afago por algum poeta ou nostálgico romântico, ou ainda por qualquer inglesa ossuda e angulosa, de passagem por Lisboa, onde é vulgar vê-las conduzindo um ramo de violetas, tristes, estranhas, amarfanhadas, feitas molho juntamente com o Baedeker, o binóculo e a máquina fotográfica.

Em Portugal, infelizmente, não existe o culto das flores... Só os poetas e os pintores as aproveitam como motivo para as suas composições. As nossas mulheres são lindas e a quem fica tão bem o viço alegre e perfumado duma flor, não as conhecem, não as sentem... Quando as usam — são artificiais...

A flor em Portugal tem uma linguagem que foi usada como símbolo da candura dos namorados na paz bucólica das aldeias. É também uma tradição que perdurará pelos tempos lóca com o «milagre das rosas», onde foi protagonista uma grande rainha que também foi uma linda mulher.

O elogio das flores, não o vou fazer, que há muito é feito e principalmente nestas duas frases:

Em referências às flores naturais:
— É tão linda que parece artificial!...
Ou então, exaltando a beleza duma flor artificial:
— É tão linda, tão bonita, que até parece natural!...

E é assim mesmo. São tão lindas as flores, tão mimosas as suas pétalas, que não parecem obra da natureza — parecem obra prima dum artista, feitas de seda e sonho.

Mas Portugal, «jardim à beira mar plantado», como se dizia em tempos, não necessita do encanto fictício das flores artificiais; todo ele é um risinho canteiro pois que em todo o país há lindas mulheres e em todas as épocas lindas flores.

Lindas flores e lindas mulheres, disse bem, igualando-as no mesmo pensamento; sim, porque se assemelham na mesma candura; porque prendem no mesmo encanto; porque fazem esquecer a vida agreste com o seu sorriso — e não há diferença entre o sorriso duma mulher e o desabrochar duma rosa...

Em Portugal, onde a mulher feita coisa doméstica raramente tem o culto do belo, compreende-se pouco a beleza duma flor. Nice é um canteiro policromo. Em Espanha, a flor rubra, sangrenta, é o maior encanto e o maior adorno duma mulher. Em Paris, qualquer *midinette* humilde e gentil, adora com o mesmo entusiasmo, a futilidade que a moda impôs no seu despotismo sempre crescente e o ramo de cravos vermelhos, rubros como lábios carnudos de mulher — que às vezes, os lábios como as flores, são lindos mesmo dum verme-lho desmaiado.

Que quero eu com este artigo? Pouco e muito. Que as minhas compatriotas aprendam a amar e sentir a beleza das flores, a sua graça e candura que, nos tempos de utilitarismo que vão correndo só é compreendida pelos namorados e pelos poetas.

MARIA VITÓRIA.

ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas pode ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras noções.

CURSO DE
DESENHO
POR CORRESPONDÊNCIA

DO LAR

UM LINDO QUARTO DE CAMA

O ideal para podermos dar ao nosso quarto a sobriedade elegante que a moda nos apresenta, é fazer o quarto de *toilette* separado do quarto de dormir.

Este último deve ser amplo, simples e muito decorativamente arranjado.

Para se mobilar um quarto de dormir bastam, além da cama e mesa de cabeceira, uma pequena mesa e cadeiras. Todo o ambiente luxuoso que

O reposteiro da janela é em cretone azul e as barras da parede que contornam o ângulo e fazem o rodapé, são também em papel azul numa única tonalidade.

Para a escolha do candieiro e do *abat-jour* deve proceder-se com o mesmo carácter de selecção de cores e obedecer à tonalidade geral já escolhida.

Desejando modernizar a mobília, é engraçado



a nossa gravura mostra, é marcado pela maneira decorativa e moderna como estão arranjadas as paredes e a combinação e harmonia que há entre todos os bordados e cores.

O tom geral deste quarto é em bege e azul. A mobília é em cor clara.

O fundo do papel que cobre a parede na parte inferior é em amarelo claro com riscas em azul. A parte superior, formando friso, é igualmente no mesmo tom, apenas com desenhos diferentes, desenhos que devem aproximar-se tanto quanto possível do motivo principal que é bordado na colcha, *store* e *brise-bises*.

Em *filet* miúdo amarelinho, bordado a azul, faz-se a colcha, que é colocada sobre um fundo de seda também azul.

pintar-lhe, também em azul, qualquer motivo decorativo que obedeça, mais ou menos é claro, ao motivo que se escolheu para se bordar os *stores*.

Os pequenos tapetes colocados próximo da cama, também feitos ou escolhidos em bege e azul, completam a harmoniosa e linda tonalidade geral que deslumbra os olhos com a sua arte e bom gosto.

Tentem, pois, queridas leitoras, harmonizar e enfeitar o seu lar, tendo sempre a preocupação de evitar a mistura de cores, a mistura de motivos e as grandes mobílias empilhadas que roubam ao aposento a sua graciosa sobriedade que raramente é desleal.

GUIDA.

O NÚMERO QUATRO

QUATRO coisas proporcionam à humanidade o maior prazer de uma vida: — Ganhar, viajar, casar e enviar... às vezes.

Quatro coisas já mais se poderão tolerar não sendo absolutamente boas: — O café, o vinho, o poeta e o melão.

Quatro coisas contribuem para tornar um homem antipático se nele todas existem simultaneamente: — Cabeça calva, os olhos azuis, uma borbolha no nariz e voz de soprano ligeiro.

Quatro coisas concorrem para a morte da maioria das mulheres: — A fome, a sede, a velhice e um marido com mau génio.

Quatro coisas provocam a pobreza dos homens: — Jogo, demandas, banquetes e as más companhias.

Quatro qualidades deve ter o vinho para ser bom: — Ser maduro, claro, velho e de graça.

De quatro coisas se deve guardar uma mulher para viver feliz: — Da má vizinha, do marido infiel, da falsa amiga e de passar na Rotunda em dias de revolução.

Quatro coisas tornam uma mulher infeliz: — Cunhada invejosa, sogra desconfiada, marido ciumento e filha mal comportada.

Quatro coisas atraem infalivelmente um marido ao lar conjugal: — O amor de sua esposa, o conforto da casa, a falta de amigos e... o mau tempo.

Quatro são os maiores males que devastam mais rapidamente a humanidade feminina: — A peste, a guerra, o médico novo e o divórcio.

Quatro são as influências mais fortes para modificar o homem: — O tempo, a profissão, a mulher e o álcool.

Quatro são os verbos que sintetizam a existência da mulher: — Nascer, pedir, queixar-se e morrer.

Quatro coisas há, nas quais a mulher já mais deve fiar-se: — Na protecção, no vento, na sorte e no homem.

Quatro são, finalmente, os deveres da mulher moderna: — Assinar a *Voga*, comprar a *Ilustração*, adquirir o *Magazine Bertrand* e convencer todas as suas amigas e pessoas das suas relações a que também assinem estas esplêndidas revistas.

Quem no seu lar possui a *VOGA*, o *MAGAZINE BERTRAND* e a *ILUSTRAÇÃO*, — tres grandes revistas modernas e únicas no genero em Portugal — dá mostras de ser uma creatura do mais requintado bom gosto.

UMA ESCOLA
DE NOIVAS

Na América, na «National Training School of Cookery and Domestic Subjects», a «Escola Prática Nacional de Culinária e Trabalhos Domésticos», acaba de ser inaugurado um curso especial para candidatas ao matrimónio...

Trata-se de um curso onde as disciplinas principais consistem no estudo aplicado e completo da prática do serviço de dona de casa, economia doméstica, culinária geral, princípios de enfermagem, higiene dos adultos e das crianças e bem assim, um grande número de funções que de ordinário costumavam, até agora, estar a cargo dos maridos, tais como, arranjar uma fechadura que não está em bom estado, tratar das campainhas, beneficiar a instalação eléctrica do lar conjugal ou vedar uma torneira avariada.

Para o curso ser absolutamente perfeito, não será para admirar que brevemente abram também as «cadeiras» de Sapateiro, onde uma futura esposa poderá aprender a renovar os saltos ou a pôr meias solas no calçado do esposo querido; igualmente as «cadeiras» do Estofador, Marceneiro, Canalizador, Funileiro e Estucador.

É natural que o Conselho Escolar da referida Escola, acrescente a estas, mais uma disciplina de bastante utilidade na vida doméstica: a de «Deita Gatos e Concerta Chapéus de Sol», para não falar numa outra ciência também necessária às boas donas de casa e que poderá ficar anexa à mesma aula: «Amolar Tesouras e Navalhas»!

A MODA DAS SAIAS-CALÇAS

PAUL POIRET

FALA A «VOGA» ACERCA DA FUTURA MODA FEMININA

VOGA, semanário ilustrado da mulher e, sem dúvida alguma a única publicação feminina portuguesa digna de tal nome, procura constantemente proporcionar aos seus milhares de leitoras e assinantes a melhor, a mais moderna e a mais educativa das leituras. Para isso se não poupa a sacrifícios e é a única revista feminina da nossa terra que tem serviços especiais de reportagem de modas nas grandes cidades do mundo e contratos especialíssimos com os principais fotógrafos, costureiros e modistas de Paris. Por isso *Voga* conseguiu um êxito de tiragem e assinatura até hoje nem sequer imitado por qualquer publicação do género.

No intuito de corresponder ao carinho e aceitação que o grande público e a sociedade elegante lhe tem tributado, *Voga* acaba de entrevistar em Paris o grande costureiro francês Paulo Poiret, o ditador mundial da moda francesa. Todas as nossas leitoras conhecem o nome de Poiret, hoje árbitro indiscutido da moda, o homem cujas opiniões constituem dogma em matéria de indumentária feminina. Vestir no Poiret constitui hoje o sinal supremo da elegância, do bom gosto e do modernismo.

Pois bem: Paulo Poiret acaba de falar à *Voga* concedendo-lhe uma entrevista acerca da moda feminina... Quais as opiniões do grande costureiro da Cidade Luz acerca da indumentária feminina durante o ano de 1928? Quais os tecidos, os novos estilos, as criações artísticas? É isso tudo que Paulo Poiret vai expor às leitoras da *Voga*. Há nessa entrevista um capítulo que sobremaneira interessará às nossas leitoras e assinantes: Paulo Poiret afirma que as saias-calças, ou antes só calças, simplesmente, vão entrar na moda por uma forma indiscutível. Quais as razões em que se estriba o grande árbitro da moda para assim se expressar?

É isso que as leitoras e assinantes da *Voga* terão ocasião de ler num dos próximos números da

"VOGA"

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER

UMA DESCOBERTA

UM sabichão — existe um abismo profundo entre um sábio e um sabichão — averiguou que as mães da maioria dos criminosos usavam grandes brincos. E serviu-se desta descoberta famosa para dela extrair uma teoria condenatória do uso dos brincos.

Tão disparatada descoberta nem sequer é merecedora de discussão, pois que se todas ou quasi todas as mulheres têm brincos, não é de extranhar que as mães dos criminosos e dos loucos também os usassem.

Contudo, em alguns distritos no Estado do Michigan foi rigorosamente proibido o uso de tão encantador adorno. Onde se infere que, parafraseando um dito célebre, um sabichão encontra sempre um sabichão maior que o admira...

O RA Carline não estava. E pelo contrário, depararam-se-me dois convivas, cuja presença me contrariou: sir Archibald Falkland e o seu inseparável Cernu-wicz... O Polaco viu-me logo e chamou-me. Creio que sou tão simpático para sir Archibald como ele para mim. Sua mulher está entre nós, e ele tem sagacidade suficiente sob aquêle exterior de alimária, para sentir que só podemos ser inimigos. Mas Cernu-wicz, de quem também não gosto, mas por quem sinto uma antipatia duplicada por uma repugnância quasi medrosa, prodigaliza-me, pelo contrário, sempre que nos encontramos, uma cordealidade sem limites, que me incomoda e afflige.

Ontem, especialmente, não descançou enquanto não acedi a jantar com elles. De resto, eu não tinha motivo delicado para recusar. Falkland, sempre correcto, recebera-me com muita urbanidade. Jantei com elles: Cernu-wicz tomou sobre si o encargo da conversa e tão abundantemente tagarelou, que me pude conservar quasi sempre calado. Pensava porém em desembaraçar-me depressa de semelhante companhia, bem diferente da que eu procurava: e em seguida à sobremesa, levantei-me.

— Marquês! — diz Cernu-wicz — quer deixarnos tão cedo? Aposto que vai daqui ver mulheres. Hein, não diga que não! Nós também vamos. Fique conosco.

Tentei uma desculpa.

— O quê! o senhor, um francês, hesita perante uma foliazinha? Ora, é preciso a gente acanhar-se de quando em quando. Não? Somos capazes de acreditar que é por fidelidade



Para ser joven e linda...

O gosto delicado da parisiense moderna soube cativar-vos porque soube escolher entre todos os Crèmes de beleza, o celebre Crème MALACEINE! Tonifica e conserva a pelle doce e fresca, não brilha, dá a pelle um tom mate e lindo. O Crème de beleza MALACEINE e o Pó d'Arroz MALACEINE, são dois produtos de real valor e que as mulheres elegantes preferem, porque as envolve d'uma aureola perfumada que as distingue delicadamente. Para completar a vossa toilette, escolhei também como a parisiense, o Pó d'Arroz MALACEINE, porque purissimo, com um perfume incomparavel, fino e ultra aderente, dá ao vosso rosto beleza e distincção.

DISTRIBUIDOR:

EDUARDO TAVARES — PORTO

amorosa... Ah! ah! o senhor quer envergonhar-nos, e especialmente a Falkland, que é casado. Quer ser leal à dama dos seus pensamentos. E quem é ela? Nós vamos adivinhar, espere um pouco!

Este palavrório irritava-me soberanamente os nervos. Pensando bem, achei que o mais simples era ficar com elles. Aconselhava-mo o instinto, como um acto de prudência. As charrices polacas de Cernu-wicz causavam-me um confuso mal-estar, e ser-me-ia desagradável avolumar a suspeita que elle tinha, e deixá-lo a sós com o marido de lady Falkland, a procurar uma a uma, entre as mulheres do nosso meio, aquella que poderia explicar a minha fuga... Fiquei.

Sim, foi uma noite singular... Falkland e eu, igualmente taciturnos; Cernu-wicz exagerando a sua exuberância... Bebemos, na conformidade do costume; em primeiro lugar, o

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

extra-brut clássico, antes de nos levantarmos da mesa; depois, no bufete do Circo (era quarta-feira, dia de gala diplomática; o Circo era obrigatório), outra extra-brut, que se assemelhava ao peor whisky e soda; e enfim, aqui e além, diversas misturas.

Pera não é mais que uma sub-perfeitura; é impossível o incógnito. Os jovens Perotas, muito empertigados nos seus imensos colarinhos, e scintilantes de anéis e de berloques, olhavam-nos com respeito e curiosidade: éramos «das embaixadas». Mas era indiferente ser reconhecido: uma festa correcta — smoking ou casaca, gravata preta — não fica mal à Diplomacia.

Primeiro o Circo. A seguir, Concórdia, o menos porco dos cafés da Rua Grande... Bebíamos os três, sentados a uma mesa redonda. Algumas mulheres vagueavam por ali, roçando-se por nós. Mas o decoro não permitia convidá-las, em lugar tão público. Em França sabe-se fazer estes bródios de estroinas. Os bródios francezes são elegantes, espirituais, luminosos; recordam os suspiros do século XVIII e os marquezes lentejoulados; sabem fugir da vulgaridade e da crápula; disfarçam a obscenidade em libertinagem; salpicam a galantaria de epigramas e madrigais. Vi noites de Paris e de Nice onde se despendia mais graça e mais espírito, entre quatro estroinas e quatro cortesãos, do que todo o resto da Europa despende num ano. Mas fora de França, em Berlim, e mesmo em Viena, os convivas de tais reuniões têm, sempre, irremediavelmente o ar de bêbedos, e as suas companheiras, o ar de «pégas». E ontem, foi brutal e triste...

Já tarde, deixámos os lugares onde se pode ser visto, e dirigimo-nos para outros que exigem mistério. Na rua Linardi, Cernu-wicz levou-nos a uma casa ignobil, onde criaturas que se dizem artistas dançaram nuas diante de nós. Tenho horror a estes saracoteios sem beleza, em que não há senão lubricidade. Mas via a meu lado a cara de sir Archibald avermelhar-se e as veias das fontes regorgitarem-lhe.

Depois desta, outra casa e mais outra. Nos

intervalos, passávamos pela Rua Grande, que de noite é menos feia, e quasi romântica, por causa das suas construções irregulares e altas. Finalmente, e segundo o protocolo de toda a orgia perota fomos bater à porta da senhora Artemisia. A senhora Artemisia é uma velha Grega, muito digna, que permite que, debaixo de seu teto hospitaleiro, homens de sociedade e raparigas bonitas de outra categoria, travem relações. Vão ali assiduamente Gregas, Arménias, até Slavas ou Romenas. Apenas se lhes exige que sejam bem feitas e não tenham menos de doze anos...

Ora aqui deu-se um incidente curioso. Estávamos em galante companhia na sala da senhora Artemisia, e tentava eu, à força de grossas amabilidades — outras não as compreendiam elas — divertir estas pobres raparigas, que tinham cara de quem estava ali por obrigação. Não é nada divertido ver uma prostituição que se resigna.

Sir Archibald ouvia-me falar, enterrado num fauteuil, e observava Cernu-wicz que flirtava brutalmente com uma garota de saia curta, fugida à escolta maternal. De quando em quando abria-se a porta para deixar entrar alguma recém-chegada, que era introduzida cerimoniosamente. De repente, sir Archibald levantou-se. A senhora Artemisia trazia pela mão uma retardatária, — uma rapariga linda, alta, delgada, loura e branca, penteada em bandós; — um tipo inesperado, entre aquele gado levantino de pele mate e cabelos negros. Passou-me no espirito a recordação de um retrato italiano: aquella tela de Selvático, que eu vi em Milão... E lembrei-me de súbito de que aquella mulher se assemelhava muito, nas principais linhas do corpo e do rosto, a lady Edith, prima e amante de sir Archibald Falkland... Também elle, certamente, assim pensava. De pé, pálido, fitava a imagem viva. E eu via-lhe tremer os punhos vigorosos. Bruscamente, avançou para ela, deitou-lhe a mão ao braço e arrastou-a sem dizer palavra.

Desapareceram. Ouviu-se uma gargalhada.

Cernu-wicz, muito bêbedo, declamou logo aquella passagem de Racine:

— J'ai revu l'ennemi que j'avais éloigné:
Ma blessure trop vive aussitôt a saigné...

Depois, endireitou-se, com o ar subitamente teroz que caracteriza os seus acessos de alcoolismo:

— Mas sabe, senhor coronel francês, eu não brinco com estas coisas. O meu illustre amigo, sir Archibald Falkland é um homem livre...

Como eu não tugisse, elle enterneceu-se:

— E também um homem sentimental. É por isso que elle, o gigante, se agrada das mais puras e mais frágeis, e dorme com elas delicadamente... De facto, todos estes *boxeurs* da cor de carne de boi crua, se enamoram dos modelos de Romney e de Hoppner. E deve ser por isso...

XXV

Epiflogo do serão de ontem: o cava dos Falkland acaba de trazer-me o seguinte bilhete:

Presado senhor:

«Venho desempenhar-me de uma incumbência. Meu marido, encantado, diz elle, com as horas deliciosas que o senhor lhe proporcionou no casino — é tão delicioso, o casino? — pede-me que o convide para almoçar no domingo, sem a menor cerimonia. É com a solicitude que pode calcular, que lhe transmito este convite e peço-lhe que aceite os meus mais affectuosos cumprimentos.

«Ven, não é verdade? Por uma vez, graças à sua comparência, será menos sinistra esta mesa de familia, meu pesadello de todos os dias. Até domingo; conto com o senhor e sou sua amiga

Grandmorne Falkland.»

Seguramente, irei; — ainda que não seja senão para reavivar a memória, comparando a

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

jovem de ontem com lady Edith, e, porventura, ver também diante desta, como diante da outra, sir Archibald silencioso e pálido, com os punhos trémulos...

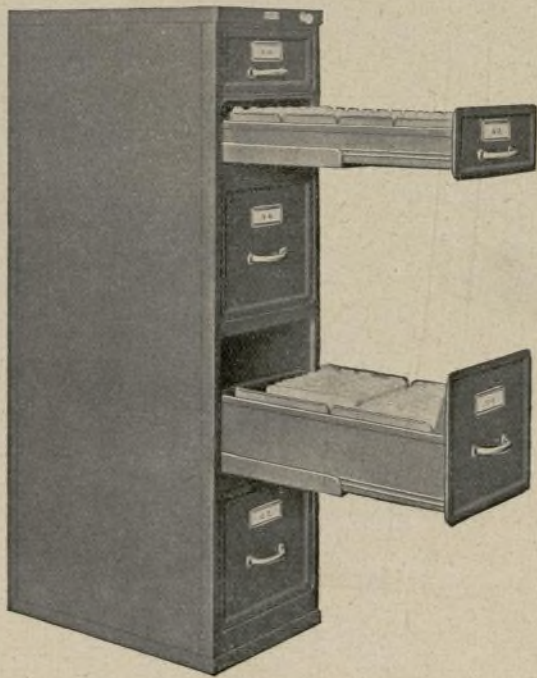
XXVI

Um almôço glacial, pior que tudo que eu imaginara. Somos seis em roda da mesa, duas vezes grande de mais: lady Falkland e seu marido, lady Edith e Cernu-wicz, o pequeno — mudo como uma pedra e teso como uma estaca — e eu... Belo serviço de mesa, inglês, mas de côres discretas: toalha branca e alguns crisântemos, todos do mesmo tom de ferrugem. Um gôsto latino corrigiu a habitual mescla de côres das mesas britânicas; — sim, latino; e duvido muito que, quando sir Archibald tiver, consoante o seu desejo, mudado de mulher, a nova lady Falkland saiba, tão bem como a de hoje, espalhar em toda a casa esta sóbria elegância, esta harmonia que me encanta a vista...

Mas em meio de tão irrepreensível decoração, que lúgubre comédia! Lady Falkland, triste, não levanta os olhos. O pequeno não come o que tem na vontade e porta-se com uma correcção anquilosada, que me faz sofrer por elle. O próprio Cernu-wicz, a pesar da sua flexibilidade slava, não se encontra à vontade nesta atmosfera turva, e modera a sua habitual parolice. Talvez o enerve, também, uma compaixão: surpreendo às vezes o seu olhar pensado em lady Falkland, — um olhar doce, quasi terno. Os únicos que falam são os dois amantes; e a sua conversa, que contrasta tão rudemente com o constrangimento geral, aumenta a minha contrariedade e o meu mal-estar. Sir Archibald, dono da casa, mostra uma cordealidade correcta; lady Edith, uma attitude segura de mulher que está em sua casa; estranha-se não a ver sentada no lugar de honra; e é lady Falkland que parece a intrusa e a usurpadora.

(Continua)

MOVEIS "ERGA" DE AÇO ARQUIVOS PARA ESCRITÓRIO



CARLOS DUNKEL

Sá da Bandeira, 62 — PORTO

DUNKEL & ANTUNES, L.ª

Rua Augusta, 56 — LISBOA

Lave, ondule e
côrte o seu
cabelo
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA

AVENIDA, 35

Novas instalações

O maior dos sucessos JOÃO CHAGAS TRABALHOS FORÇADOS

EDIÇÃO DEFINITIVA

Em 3 volumes

O diário dum revoltado

As memorias dum idealista

Cada volume 10\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

Chiado, 73 e 75 — LISBOA

Grafologia

N.º 366 — *Um ramo de hortensias* — Lisboa. — Bondade digna e ponderada, sabendo valorizar-se com austeridade e simpatia.

É bem o grafismo de alguém que sabe obter os fins em vista docemente, sem desfalecimentos ou gestos de violência impulsiva.

Simplicidade e... um leve sentimento de desânimo e opressão.

N.º 367 — *Uma desgraçada infeliz* — Lisboa. — Leio nos seus traços toda a tristeza da sua existência. Permita-me que lhe dê apenas três conselhos:

— Entre dois males é sempre possível escolher o menor.

— Sem trabalho não se pode apreciar o descanso; sem peleja não se consegue a vitória.

— A maior de todas as vitórias é vencer-se cada um a si próprio: — que os Sentidos obedeçam à Razão e não a Razão aos Sentidos.

Eis o segredo para atingir a Felicidade!

N.º 368 — *M. H. B.* (n.º 118) — Alentejo. — Afectividade, espírito disciplinado e disciplinado, com excelentes qualidades morais, sabendo



economizar os seus recursos num verdadeiro e muito louvável sentido administrativo.

Uma verdadeira bondade e discrição cautelosa e como único defeito uma determinada vaidade aliás inofensiva e sem importância.

N.º 369 — *Zeca* — Faro. — É uma pessoa dotada de um temperamento vigoroso, mantendo sempre uma «linha» cautelosa em todos os seus gestos e atitudes, muito senhor do seu nariz e... do resto, mas sem dúvida, absolutamente incapaz de fazer mal a quem quer que seja, a começar por si próprio.

Em resumo, é o grafismo de um bom «algarismo» que procura viver o mais agradavelmente possível sem prescindir nunca de uma certa «pose» muito calma, muito digna e... muito doce.

N.º 370 — *Dina* — Lisboa. — É um grafismo revelando a posse de uma natureza caprichosa em que um dos característicos é o dispêndio



aliado a um entusiasmo e prodigalidade ocasionais.

Todos os traços indicam bondade, intuição, doçura de carácter e pouco relevo pessoal.

N.º 371 — *Lui* — Porto. — Imaginação activa mas falseando pormenores mais próximos numa revelação de energia por vezes estouvada.

Originalidade habituada a manter e apreciar um determinado aparato que nem sempre lhe é conveniente.

Loquacidade, amor próprio e tendência a gastar mais do que realmente é necessário.

N.º 372 — *Águia Dourada*. — Vontade forte e

N.º 373 — *Petit oiseau blanc*. — Sequência de ideias, actividade de espírito um pouco precipitada e afectividade pronta a manifestar-se.

Sabendo valorizar a sua situação com lógica e inteligência.

N.º 374 — *Pudim de veludo*. — Exterioridade cuidada, amando a harmonia das cores e dos sons.

Uma determinada dificuldade de expressões, por vezes presas a um tradicionalismo característico.

Vontade forte e por vezes precipitada.

N.º 375 — *Lise Fleuron*. — Impressionabilidade acompanhada de falta de originalidade e de uma imaginação indecisa e pouco fecunda.

Bondade hesitante, mais teórica do que suficientemente corajosa para exercer a sua acção, a despeito das conveniências e do meio.

N.º 376 — *Gil Braz de Santilhana*. — Concen-

tração e vontade calma e ponderada, sabendo aguardar pacífica e pacientemente o momento oportuno para dizer e fazer de maneira a conseguir o seu fim em vista.

Uma bondade grande e bem evidente, mas não perdôa jámais o mal que por ventura poderá fazer-lhe.

N.º 377 — *Mal encarado*. — Pode ser que seja mas a sua fisionomia moral resume-se numa grande actividade mental, obedecendo a uma vontade enérgica e decidida.

Alguns dos seus traços indicam que jámais abstrai de si próprio as vantagens que poderá ocasionalmente obter com o auxílio da sua vontade.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da *Voga*, reendereçar estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do

documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

PASTA DENTÍFRICA
MARIA LUÍSA

SUPERIOR À MELHOR

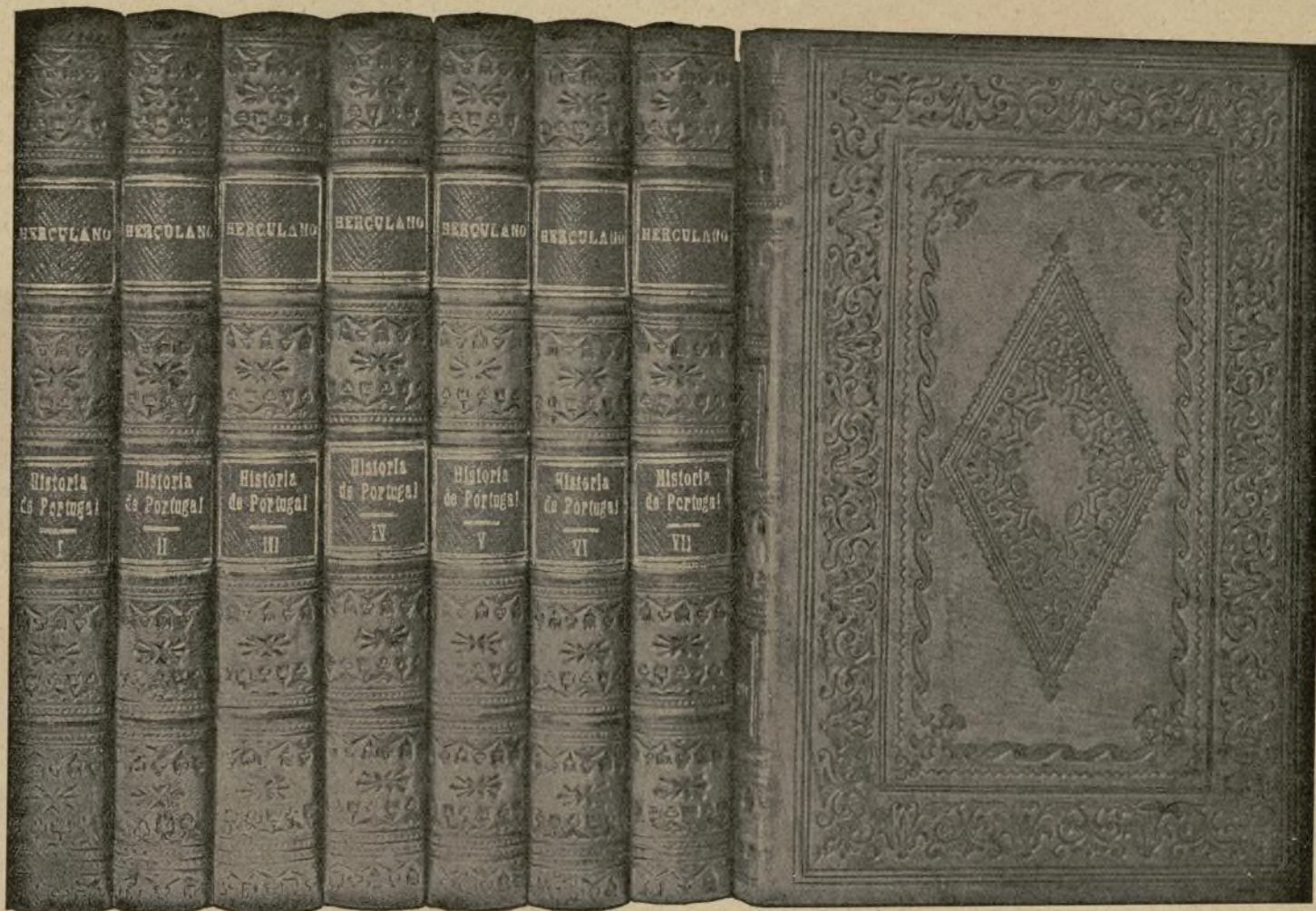
Branqueia os dentes e perfuma a boca

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12 x 18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

ACABA DE SAIR O VOLUME VIII (ÚLTIMO)

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura

Esc. 10\$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro

Esc. 14\$00

Idem, encadernado em carneira gravada à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado

Esc. 25\$00

BRAZIL—incluindo despesas do correio:

Brochado . . . Esc. 12\$40

Encadernado em percalina . . . Esc. 16\$40

» » carneira . . . Esc. 27\$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

COMO EU ENTREI PARA O CINEMA

POR BÉBE DANIELS



Três fotos inéditas de Bébe Daniels nos filmes «Um beijo dum taxi» e «O Sheik é ela!»



Eu sempre tive uma certa habilidade para vestir um vestido de passeio e calçar um par de sapatinhos de salto alto. E creio, foi isso que me abriu as portas do cinema.

Como é sabido, bem pequena ainda, eu já havia aparecido num filme graças ao benévolo oferecimento de um director amigo de nossa família. Minha mãe também chegou a aparecer em algumas películas, mas nunca fez muita questão em permanecer no elenco de nenhuma companhia. Mas a minha primeira grande oportunidade só a obtive devido àquela habilidade de que já falei.

Ora, uma tarde, quando a nossa situação pecuniária não era nada invejável, deu-se o que abaixo contarei. Minha mãe estava fóra, creio que a trabalhar em uma película na qual desempenhava um pequeno papel.

— A sr.^a Daniels não está em casa. Poderia dizer o que deseja?

— Oh, mas eu queria falar era a Miss Daniels! — emendou o director um tanto confuso pelo engano. Poderia vir aqui ao «studio»? Necessitava falar-lhe o mais breve possível.

Eu fiquei excitadíssima. Queria voar para o «studio», na quasi certeza de que a conversa seria sobre uma possibilidade de entrar definitivamente para o cinema. Mas aqui foi quando caí em mim: Não tinha um vestidinho decente com que me apresentar!

Nervosa, corri todos os baús onde costumava guardar a minha roupa. Não havia um só vestido capaz de servir à imponentia da ocasião e causar o seu necessário efeito. Fui então ao baú de minha mãe. Feliz-



Die Wiskottens

De volta dos meus três anos de ausencia num colégio, estudando, ao chegar a casa e vêr a necessidade em que estávamos, quis também arranjar algum trabalho. O meu nome era já conhecido de vários directores de nossas relações, mas emprego, ainda que como «extra», pois de outra maneira não poderia eu começar, era coisa que para mim não havia.

Nessa tarde, como ia dizendo acima, recebi inesperadamente uma telefonadela. Vinha do «studio» de Harold Lloyd. Era o director quem falava.

— Desejava falar à sr.^a Daniels, disse a voz no posto emissor.

mente ela tinha comprado havia pouco um vestidinho de passeio, e não tive mais duvidas: meti-me nê! Depois, calcei uns sapatinhos elegantes de uma tia minha que estava de visita a nossa casa e abalei para o «studio» pelo caminho mais curto que sabia.

Em conclusão, os que apreciaram os primeiros filmes de Harold Lloyd ainda se devem lembrar de lá me terem visto. Sim, porque graças àquê! vestido e aos sapatinhos da titi consegui o emprego...

— Sim! Tanto minha mãe como a titi me perdoaram aquela habilidade de me apresentar com a roupa alheia!...